

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS (UFGD)

LIGIA MORAIS BORGES

**O FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO E A ‘ESPETACULARIZAÇÃO’
DO TERRORISMO ATRAVÉS DA MÍDIA**

DOURADOS

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS (UFGD)

LIGIA MORAIS BORGES

**O FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO E A ‘ESPETÁCULARIZAÇÃO’
DO TERRORISMO ATRAVÉS DA MÍDIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação do Prof.º Me. Arthur Pinheiro de Azevedo Banzatto.

DOURADOS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

B732f Borges, Ligia Morais

O FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO E A 'ESPETACULARIZAÇÃO'
DO TERRORISMO ATRAVÉS DA MÍDIA / Ligia Morais Borges -- Dourados:
UFGD, 2018.

58f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Arthur Pinheiro de Azevedo Banzatto

TCC (Graduação em Relações Internacionais) - Faculdade de Direito e
Relações Internacionais, Universidade Federal da Grande Dourados.

Inclui bibliografia

1. Terrorismo. 2. Fundamentalismo. 3. Islamismo. 4. Mídia. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 03 de fevereiro de 2018, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais o (a) aluno (a) **Ligia Morais Borges** tendo como título "O Fundamentalismo Islâmico e a 'espetacularização' do terrorismo através da mídia".

Constituíram a Banca Examinadora os professores Me. Arthur Pinheiro de Azevedo Banzatto (orientador/a), Dr. Roberto Mauro da Silva Fernandes (examinador/a) e Me. Deborah Silva do Monte (examinador/a).

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado (a) APROVADO.

Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: O trabalho deu-se em consonância com base nas orientações seguidas pela banca.

Assinaturas:

Arthur P. A. Banzatto

Me. Arthur Pinheiro de Azevedo Banzatto
Orientador/a

Roberto Mauro da Silva Fernandes

**Dr. Roberto Mauro da Silva
Fernandes**
Examinador/a

Deborah Silva do Monte

Me. Deborah Silva do Monte
Examinador/a

Dedico este trabalho aos meus pais, por toda força, suporte e ânimo que eles me deram ao longo desses anos de faculdade e de TCC. Ao meu orientador Me. Arthur Pinheiro de Azevedo Banzatto, por toda a paciência, compreensão e ensinamentos. Também agradeço e dedico este trabalho para os outros professores que me ensinaram tanto. Agradeço de coração aos meus amigos da faculdade, ao Suruagy por todos os momentos inesquecíveis vividos, à minha calourinha preferida Luara Rezende, e especialmente aos melhores presentes que Dourados poderia me dar, Jéssica e Gabriela. Obrigada por tudo que fizeram por mim, por tudo que vivemos e rimos juntas, a saudade é grande. E o mais importante de tudo, agradeço imensamente a Deus.

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, aos meus pais e à minha avó (in memoriam).

RESUMO

BORGES, Ligia Morais. O Fundamentalismo Islâmico e a ‘Espetacularização’ do Terrorismo Através da Mídia. Dourados / MS, 58 páginas. 2018.

O termo “terrorismo” surgiu durante a Revolução Francesa e desde lá vem sendo usado para designar as situações em que a violência e o terror são utilizados para fins políticos e/ou ideológicos. Um fato interessante é que o terrorismo se diferencia das outras formas de violência porque busca publicidade dos seus atos, razão pela qual os meios de comunicação são uma importante ferramenta para expandir seus efeitos psicológicos, pois o objetivo principal dos terroristas é impor o medo e o terror para atingirem um fim. O fundamentalismo islâmico enquadra-se como uma manifestação religiosa em que seus seguidores seguem estritamente o que está escrito no Alcorão, e interpretam certos valores das sociedades ocidentais como sendo incompatíveis com as leis islâmicas, tornando-se uma ameaça e assim podendo desencadear atos terroristas por se tornarem tão radicais. O terrorismo tornou-se relevante no início do século XXI, por se tornar a principal ameaça para a humanidade em decorrência da imprevisibilidade de suas ações e a invisibilidade do terrorista. Ao se “aproveitar” da mídia, o Estado Islâmico consegue divulgar e expandir o terror. Desta forma, o presente trabalho terá como objetivo fazer um estudo e analisar o termo “terrorismo” bem como suas relações com ideais políticos, sociais e religiosos e sua relação com a mídia, além de procurar mostrar como um elemento irá se beneficiar do outro. A metodologia adotada é de natureza exploratória e o procedimento utilizado foi a revisão de literatura e análise bibliográfica de obras sobre terrorismo, fundamentalismo islâmico e mídia, buscando traçar relações de dependência entre estes temas de vários artigos publicados, pesquisa bibliográfica sobre autores que estudam as relações políticas e mídia para traçar uma relação de dependência entre o terrorismo, a política e a mídia. Ao final, observou-se que a realização dos objetivos dos atos terroristas dependem muito do tipo de cobertura feito pela mídia, de como a população receberá e reagirá sobre o fato ocorrido, e qual a motivação política desse fato, pois a mídia na maioria das vezes interpretará determinados acontecimentos sobre um olhar que permitirá a manipulação das pessoas, atuando muitas vezes como catalisadora do terrorismo.

Palavras-chave: Terrorismo. Fundamentalismo. Islamismo. Mídia.

ABSTRACT

BORGES, Ligia Morais. Islamic Fundamentalism Creating a "Spectacle" with Terrorism Through the Media. Dourados / MS, 58 pages. 2018.

The term "terrorism" arose during the French Revolution and has since been used to designate situations in which violence and terror are used for political and / or ideological purposes. An interesting fact is that terrorism differs from other forms of violence because it seeks publicity for its acts, which is why the media is an important tool to expand its psychological effects, since terrorists' main objective is to impose fear and terror to reach an end. Islamic fundamentalism fits in as a religious manifestation in which its followers strictly follow what is written in the Quran and interpret certain values of Western societies as being incompatible with the Islamic laws by becoming a threat and thus triggering terrorist acts by become so radical. Terrorism became relevant at the beginning of the 21st century as it became the main threat to humanity as a result of the unpredictability of its actions and the invisibility of the terrorist. By "taking advantage" of the media, the Islamic State is able to spread and spread terror. In this way, the present work will aim to study and analyze the term "terrorism" as well as its relations with political, social and religious ideals and its relationship with the media and besides showing how one will benefit from the other. The methodology adopted was exploratory and used for literature review and bibliographical analysis of works on terrorism , Islamic Fundamentalism and the media, seeking to draw relations of dependence between these themes of several published articles, bibliographical research on authors who study the relation politics and the media to draw a relation of dependence between terrorism, politics and the media. In the end, it was observed that the achievement of the objectives of the terrorist acts depends a lot on the type of coverage made by the media and how the population will receive and react on the fact and what the political motivation of this fact, because the media will most often interpret certain events about a look that will allow the manipulation of people often acting as a catalyst for terrorism.

Keywords: Terrorism. Fundamentalism. Islam. Media.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Visão geral do terrorismo	18
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Definições Acadêmicas de Terrorismo	16
Tabela 2 – Comparativo de Proposições: Segurança Nacional – Segurança Internacional	21

LISTA DE ABREVIATURAS

ACNUR	Agência da ONU para Refugiados
E.U.A.	Estados Unidos da América
EUMC	Observatório Europeu do Racismo e Xenofobia
EUROPOL	Serviço Europeu de Polícia
OCDE	Organização para Cooperação e o Desenvolvimento Econômico
P.	Página

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 – TERRORISMO	15
2 - FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO	24
2.1 – Orientalismo x Ocidentalismo	26
2.2 – Islamofobia	30
2.3 – Estado Islâmico	32
3 – O TERRORISMO E A ATUAÇÃO DA MÍDIA	35
3.1 – A construção da ideia de terrorismo e a mídia	399
3.2 – Como a mídia transmite e a população recebe as notícias.....	42
CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

INTRODUÇÃO

Durante a história da humanidade e das relações políticas e sociais, o homem luta para expor seus ideais e é incontestável que isso pode gerar formas de conflitos e estes podem ser causados pelos mais diferentes motivos. E na sociedade moderna, o terror vem provocado grandes preocupações para os povos.

O termo “terrorismo” surgiu durante a Revolução Francesa e desde lá vem sendo usado para designar as situações em que a violência e o terror são utilizados para fins políticos e/ou ideológicos. Para as Relações Internacionais, no entanto, ainda não há uma definição exata do termo terrorismo, pois existem muitas dificuldades relacionadas com as diferenças culturais, ideológicas, religiosas e política dos estados.

Um fato interessante é que o terrorismo se diferencia das outras formas de violência porque busca publicidade dos seus atos, razão pela qual os meios de comunicação é uma importante ferramenta para expandir seus efeitos psicológicos, pois o objetivo principal dos terroristas é impor o medo e o terror para atingirem um fim. Assim, para entendermos como nasce o agente que vai cometer o ato terrorista, devemos levantar as questões e entender o que o levou a cometer esse ato.

De forma paralela, o fundamentalismo islâmico enquadra-se como uma manifestação religiosa em que seus seguidores seguem estritamente o que está escrito no Alcorão, assim podendo desencadear atos terroristas por se tornarem tão radicais. O objetivo dos grupos fundamentalistas é reunir religião e política em uma só ideologia e assim impor leis rigorosas à população no qual proibem diversas coisas e, portanto, acabam dominando o controle social. Neste caso, o surpreendente é que os autores desses atos acreditam que estão agindo com justiça e na maior devoção religiosa, realizando uma vontade divina. Outro fato interessante é que, após o 11 de Setembro, iniciou-se uma nova era para o terrorismo com motivos diferentes dos conhecidos anteriormente que eram as causas nacionalistas e separatistas, hoje é desde conflitos internos quanto externos, com o intuito de estar na mídia e aparecer para o mundo todo com a finalidade de desestabilizar a população, tornando-se uma ameaça para a paz e para segurança de diversos países. Pois, para diversos autores, a intenção dos terroristas é ter seus ataques noticiados pela mídia, seja ela internacional ou nacional. O ato de terrorismo também pode ser considerado um ato de comunicação, no qual sempre quer repassar uma mensagem ou comunicado. Com a importância que a mídia exerce no mundo, as ações terroristas acabam sendo planejadas com maior cuidado, para que possam realmente ao realizar o ato e conseguir a atenção da mídia. Deste modo, conquistará seu primeiro

objetivo que é o reconhecimento, afinal, ao ter a mídia focada em seus atos, conseguirá iniciar uma onda de insegurança e medo para a população, mesmo não sendo esses os alvos dos ataques, possibilitando a implementação de um cenário que contribui para sua expansão e conseqüentemente sua atuação.

Ao se “aproveitar” da mídia, o Estado Islâmico consegue divulgar e expandir seu projeto de reestruturação do califado, além de demonstrar para a população como um todo seu poder de intimidar os indivíduos, e acaba despertando reações de lideranças políticas e civis nas regiões e países por eles atacados.

Desta forma, o presente trabalho terá como objetivo fazer um estudo e analisar o termo “terrorismo” bem como suas relações com ideais políticos, sociais e religiosos e sua relação com a mídia, além de procurar mostrar como cada um desses elementos irá se beneficiar do outro.

O trabalho será estruturado em três capítulos. No início, será feita uma abordagem sobre terrorismo e sua evolução no decorrer da história da humanidade. Será mostrado como ele vem sendo usado para designar as situações em que a violência e o terror são utilizados para fins políticos e/ou ideológicos, diferenciando-o das outras formas de violência, porque busca publicidade dos seus atos, razão pela qual os meios de comunicação são uma importante ferramenta para expandir seus efeitos psicológicos. O objetivo principal dos terroristas é impor o medo e o terror para atingirem um fim. Seus atos são mais para efeitos psicológicos do que materiais, logo a principal intenção é a de causar terror. No segundo capítulo, analisar-se-á o conceito de fundamentalismo islâmico de maneira a compreender os ataques ocorridos na Europa em 2015, bem como os impactos causados nas teorias de segurança e Relações Internacionais. E no terceiro capítulo, a intenção é mostrar que os meios de comunicação a princípio são os principais alvos dos que promovem atos terroristas, pois é a partir da maneira como os fatos são mostrados que o objetivo estratégico do terrorista será atingido, que é espalhar o terror e ao mesmo tempo a mídia irá influenciar no posicionamento e na opinião pública.

A metodologia de pesquisada adotada é de natureza exploratória e o procedimento utilizado foi a revisão de literatura e a análise bibliográfica de obras sobre terrorismo, fundamentalismo islâmico e mídia, buscando traçar relações de dependência entre estes temas de vários artigos publicados, pesquisa bibliográfica sobre autores que estudam as relações políticas e mídia para traçar uma relação de dependência entre o terrorismo, a política e a mídia

O estudo se justifica pelo aumento considerável dos atos terroristas e da grande importância que a mídia vem explorando esses atos, criando uma onda de terror no século XXI, que se iniciou no “11 de Setembro”, ataque realizado nas Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova York. A cobertura realizada pela mídia trouxe para o mundo imagens impactante, no qual até hoje na memória das pessoas aquelas reportagens são lembradas, e talvez jamais serão esquecidas. A partir daquele momento, a mídia ganha mais força, e passa então a “manipular” o pensamento da população mundial. Assim como esse e todos os outros atentados realizados ao redor do mundo, a sua finalidade é ter sua mensagem exibida na mídia, mesmo que isso custe milhões de vidas ao passo que cada novo atentado é realizado.

Agora, a maneira como a notícia é construída e a quantidade de propaganda podem contribuir para o êxito da propagação do terrorismo no mundo, disseminando o medo na sociedade. Essa união entre a mídia e o terrorismo vem rendendo muito nos diferentes aspectos analisados, quer sejam no âmbito político, social ou religioso.

Então, durante o desenvolvimento do estudo será estabelecida uma estreita relação entre um consenso da definição de terrorismo, seus efeitos a médio e longo prazo, sua relação com o fanatismo religioso, o perfil do terrorista e de como a mídia nacional ou internacional relaciona-se com o terror e sua atuação como meio de formação de opinião uma vez que um ato terrorista chama a atenção ao criar fatos para a mídia.

Dessa maneira, o papel exercido pela mídia se torna cada vez mais importante para a sociedade como um todo, e principalmente para as relações internacionais, permitindo que cada grupo ou região possa conhecer o que está acontecendo no mundo sem precisar estar presente em cada acontecimento. Devendo evitar o sensacionalismo a manipulação da informação para não promover o pânico e a guerra psicológica dos terroristas.

E com esse estudo fica evidente que o assunto terrorismo, fundamentalismo religioso e mídia são muito importantes para as Relações Internacionais e merecem uma atenção especial para entender os fatos que levaram aos atos, para não se cometer injustiças sociais em decorrência da falta de conhecimento, esclarecimentos e manipulação de informações pelos meios de comunicação.

1 – TERRORISMO

O termo “terrorismo” surgiu durante a Revolução Francesa e desde lá vem sendo usado para designar as situações em que a violência e o terror são utilizados para fins políticos e/ou ideológicos. Porém, antes mesmo do surgimento do conceito, pode-se afirmar que sua prática existe desde as Guerras Santas e da matança de hereges na Inquisição.

Hector Luis Saint Pierre (2015) alega que os Estados, os exércitos, as etnias, os grupos e os homens isoladamente têm empregado o expediente de ações terroristas como forma de desencorajar seus inimigos para diminuir sua resistência e facilitar a vitória, sendo que a única novidade desse velho flagelo é a crescente internacionalização.

Galito (2013), por sua vez, explana sobre o que poderia ser uma explicação para o terrorismo e suas formas, no entanto, deixa claro que a busca por uma definição é controversa e bastante debatida.

O terrorismo geralmente envolve violência física ou psicológica contra alvos não combatentes, selecionados ou aleatórios. É uma forma instrumental de impor o medo sobre um povo, um governo ou um estado, mas a sua definição é controversa e, em sua consequência, extensivamente debatida. (GALITO, 2013, p. 3).

O terrorismo se diferencia das outras formas de violência porque busca publicidade dos seus atos, razão pela qual os meios de comunicação são uma importante ferramenta para expandir seus efeitos psicológicos. O objetivo principal dos terroristas é impor o medo e o terror para atingirem um fim. Seus atos são mais para efeitos psicológicos do que materiais, logo a principal intenção é a de causar terror.

Schmid e Jongman (2005) *apud* Suarez (2012) analisaram definições acadêmicas de terrorismo e levantaram elementos que influenciam suas definições:

Tabela 1 – Definições Acadêmicas de Terrorismo

Elemento	Frequência
Violência, Força	83,5%
Política	65,0%
Medo, ênfase no terror	51,0%
Ameaça	47,0%
(Psicológico) efeitos e (reações antecipadas)	41,5%
Diferenciação entre vítima e alvo	37,5%
Ação objetivada, planejada, sistemática e organizada	32,0%

Fonte: Schmid e Jongman (2005, p. 5) *apud* Suarez (2012, p.1).

Como se observa, o efeito psicológico das ações terroristas está presente em quase metade de suas definições. Outro aspecto que merece atenção refere-se às características “objetivada”, “planejada”, “sistemática” e “organizada” atribuídas a ação terrorista, presente em mais de 30% das definições.

Essas características refutam o discurso genérico construído pelo Ocidente que concebe os atos terroristas como frutos exclusivos da irracionalidade e do fanatismo religioso muçulmano, renegando o aspecto político a segundo plano.

Para Saint Pierre (2015), um dos efeitos principais do terrorismo é fazer com que os cidadãos se sintam abandonados pelo governo, com o sentimento de que os Estados não os possam defender, não podem fazer nada em relação a essa ameaça, que não têm controle sobre nada.

Os atos dos grupos terroristas podem ser tanto locais, regionais, nacionais ou globais, porque sua missão é causar pânico nas populações e chamar atenção por meio da publicidade de seus crimes. Esses grupos praticam seus atos, defendendo uma ideologia em comum, usando métodos destrutivos como forma de alcançarem seus objetivos políticos.

Rezende e Schwether (2015) dividem o terrorismo entre o velho e o novo terrorismo, tendo como marco divisório os atentados de 11 de setembro. O velho terrorismo era mais cercado por limites regionais ou por ameaças nacionais. O novo terrorismo, por sua vez, não

tem fronteiras, suas ameaças são globais diferentemente do velho terrorismo que tinha uma abrangência mais nacional.

Outra grande novidade do novo terrorismo é o crescente número de participantes e a forma como se organizam. Antes, os terroristas atuavam em células dependentes de um poder central, o qual era responsável por coordenar e autorizar suas ações. Hoje as células terroristas trabalham em rede e de forma independente, o que trouxe mais flexibilidade e autonomia para os grupos organizados localmente.

A nova onda de terrorismo do século XXI está ligada a questões religiosas. O fundamentalismo islâmico estaria no centro dessa onda, e após o ataque de 11 de setembro, os E.U.A. (Estados Unidos da América) elegeram o terrorismo como principal inimigo existencial. Os terroristas islâmicos acreditam que o Ocidente é o grande responsável por causar mudanças em suas culturas locais, em seus ensinamentos e valores, e os dividem entre fieis e infiéis. Ou seja, o foco do terrorismo seria a luta contra os infiéis.

Seus atos são uma resposta contra a ameaça que sentem diante do Ocidente, e, portanto, veem suas ações como parte de uma luta. “Outra nova característica do novo terrorismo seria os atentados suicidas e a manifestação de mudar todo o sistema internacional” Rezende e Schwether, (2015).

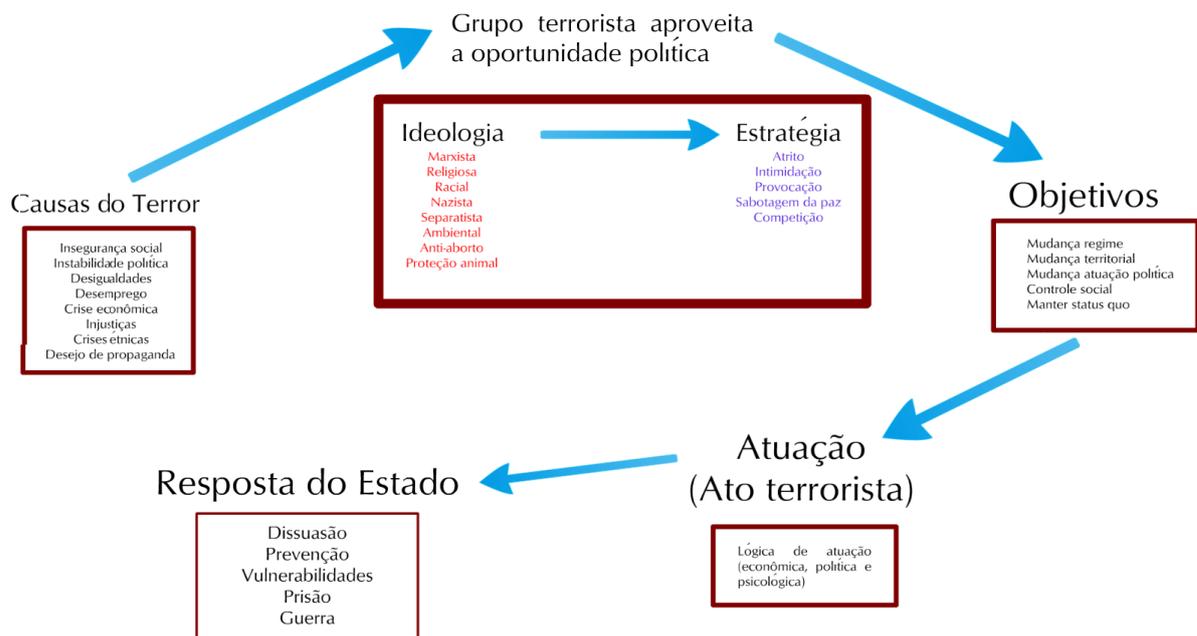
A maior parte dos terroristas são pessoas que viram seus países ou sua comunidade local serem invadidas por estrangeiros e pela opressão que sofreram. Porém, nem todos os terroristas são pessoas de baixo nível educacional, social e econômico. Há pesquisas¹ que revelam que em geral, a maior parte deles possui um alto nível educacional e econômico.

Pode-se perceber também, que a origem dos grupos terroristas são regiões com baixo nível de liberdade civil e de direitos políticos, como países do norte da África e Oriente Médio. Logo, o terrorismo tem origem em sociedades que sofreram com regimes repressores ou ocupação estrangeira no território. A religião é apenas um meio que os terroristas buscam para modelar suas ações.

Os ataques de 11 de setembro foram um choque pela questão da vítima ter sido uma superpotência que se julgava inatacável e protetora de todas as nações. Quando o ataque foi no coração da segurança internacional, ficou claro de que todas estavam vulneráveis às ameaças (Saint Pierre, 2015). A Guerra ao Terror declarada por Bush após os ataques refletiram em muitos países que foram ocupados por tropas americanas durante anos e que sofrem consequências até os dias atuais.

¹ Para mais informações consulte “Driven to Death: Psychological and Social Aspects of Suicide Terrorism” de Ariel Merari.

Figura 1 – Visão geral do terrorismo



Fonte: CABRAL (2013. P.5)

Nesta figura, é possível analisar como é formado o ciclo do terrorismo. Primeiro, é apresentado as diversas causas do terror. Como já dito, o terrorismo não está apenas ligado ao Islamismo. Na parte ideológica, percebemos as várias variáveis de pensamentos que são meios de se utilizar o terror. Logo, vêm as diversas estratégias, objetivos e atos que o grupo ou as pessoas utilizam para produzir o terrorismo. Conseqüentemente, logo após, vem a resposta dos Estados afetados.

Com isso, ficou claro que todos os países correm uma ameaça global, e para combater o terrorismo, deve haver uma cooperação internacional entre os Estados e as Organizações Internacionais.

Algumas teorias em Relações Internacionais buscam desenvolver discussões sobre o terrorismo. Uma das mais recentes, a Escola de Copenhague que foi criada em 1985, é

referência na área de segurança, visando desenvolver conceitos e análises de segurança internacional. A escola tem como norteadoras duas premissas teóricas:

Em uma análise inicial, temos os estudos clássicos em segurança, com seu foco em parâmetros de escolha racional exemplificados pela teoria da dissuasão, os quais se baseiam em fatores estruturais e que sistematicamente favorecem a corrida armamentista. Em outra perspectiva, os estudos da paz apontam que a Guerra Fria foi resultado de uma avaliação prejudicada pela percepção perene do estado de guerra. (GUZZINI, JUNG, 2004, p. 3).

No início de seus trabalhos, a escola continuou a seguir uma lógica realista. Um dos principais autores, Barry Busan (1991, p. 2) firma que "Realistas tendem a ver segurança como derivada do poder: um ator com poder suficiente para alcançar e dominar determinada posição irá alcançar sua própria segurança". Para o autor, o fortalecimento dos Estados era o principal fator para se estabelecer segurança, porque um Estado forte não "exporta" insegurança doméstica.

Essa análise é contestada pela outra vertente teórica dominante da área de Relações Internacionais: o Liberalismo. De acordo com os teóricos liberais, como Keohane e Nye, o desenvolvimento do comércio, do direito internacional e da diplomacia seriam as peças-chaves de relações interestatais mais pacíficas.

Uma das principais contribuições da Escola de Copenhague para os estudos de segurança é a securitização, que seria um movimento político no qual determinado ator pode ser deslocado de uma posição de não politizado para politizado e, finalmente, para securitizado.

A securitização permanece no campo da política e, assim, no campo do discurso político. Logo, o deslocamento da designação de um ator como não politizado para politizado e, então, para securitizado mostra o caminho pelo qual um ator se coloca como tema relevante na agenda de segurança de determinado Estado. (SUAREZ, 2012, p. 19).

E é a partir da securitização que o conceito do terrorismo e de como sua ameaça se desloca, são compreendidos. Desse modo, a securitização permite que algo seja construído com o significado de uma ameaça, a partir do momento em que esse sentido é aceito por uma ampla ou uma qualificada audiência (Buzan, 2006, p. 102).

Dessa maneira, a securitização permite explicar como os atores são incorporados nos discursos de segurança, sendo este a partir do momento que um ator ou tema se torna o objeto e atenção por parte de outro ator. Tomemos como exemplo a agenda de política externa dos

E.U.A. Com os ataques de 11 de setembro, o terrorismo ganha a atenção por parte da política estadunidense com o discurso de mundo civilizado *versus* mundo não civilizado.

Seguindo esta linha, o autor Samuel Huntington (1997), em sua obra “O choque de civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial”, trata como tema central o mundo pós-Guerra Fria e os principais conflitos advindos desse choque cultural, afirmando que a política mundial tenha se tornado multipolar e multicivilizacional.

Os atentados terroristas islâmicos podem se encaixar nessa explicação de Huntington. Para o autor, as pessoas se identificam em grupos culturais, como grupos étnicos, religiões, civilizações, línguas, história, valores e costumes. Atualmente, vivenciamos uma crise entre civilização ocidental e islâmica.

O ocidente é e continuará a ser por muitos anos a civilização mais poderosa. Contudo, seu poder em relação à de outras civilizações está declinando. À medida que o ocidente tenta impor seus valores e proteger seus interesses, as sociedades não ocidentais se defrontam com uma escolha. Algumas tentam emular o ocidente e a ele se juntar ou “atre-la-se” a ele. Outras sociedades confucianas e islâmicas tentam expandir seu próprio poder econômico e militar para resistir e para “contrabalançar” o ocidente. Desse modo, um eixo central da política mundial pós-guerra fria é a interação do poder e da cultura ocidentais com o poder e a cultura de civilizações não ocidentais. (HUNTINGTON, 1997, p 29).

O autor Neorrealista Kenneth Waltz, faz uma distinção da violência doméstica com a violência no âmbito internacional. Em *Theory of International Politics* (2010), o fator determinante está na estrutura, ou seja, enquanto no âmbito nacional se lida com indivíduos que possuem sobre si um governo capaz de exercer a violência legitimamente como um de seus atributos, no sistema internacional formado por Estados não existe um agente superior a estes. (Suarez, 2012).

Tabela 2 – Comparativo de Proposições: Segurança Nacional – Segurança Internacional

Nacional	Internacional
Nacionalmente, a força de um governo é exercida em nome do direito e da justiça.	Internacionalmente, a força de um Estado é empregada para o bem de sua própria proteção e vantagem.
Nacionalmente, as relações de autoridade estão estabelecidas.	Internacionalmente, existem somente relações de poder.
A política nacional é o campo da autoridade, da administração e da lei.	O campo internacional é primariamente político.
O campo nacional é descrito como sendo hierárquico, vertical, centralizado e heterogêneo.	O campo internacional é anárquico, horizontal, descentralizado, homogêneo, indireto e adaptativo.
Na política nacional, a força é tida como a <i>ultima ratio</i> .	Na política internacional, a força emerge, nas apenas como a <i>ultima ratio</i> , mas como primeira e constante.

Fonte: (SUAREZ, 2012, p. 375).

Para o autor, o Estado é o principal ator no sistema internacional, e nos casos dos grupos terroristas, eles também são considerados como atores no cenário internacional. No entanto, Waltz (2010) os diferencia dos Estados em algumas formas de comportamento. Os grupos terroristas têm muito menos a perder que os Estados, então eles responderão de formas diferentes que os Estados em um ataque. Eles não possuem um território, população e economia para se preocuparem antes das tomadas de decisões, logo seu grau de ameaça é maior.

Ademais, a ilegalidade na qual esses grupos atuam permite uma margem de manobra altamente dinâmica e que desafia constantemente o poder estatal, limitado pelo aparato jurídico-legal e pela burocracia administrativa de suas instituições, além dos entres morais aos quais estão subjugados.

Outro aspecto importante a ser ressaltado e que beneficia a atuação dos grupos terroristas e que, nos últimos anos tem ganhado força, é o caráter transnacional adquirido por suas ações. Segundo Moreno (2004, p. 337), “O terrorismo pós-moderno pode ser percebido como um subproduto da globalização propiciada pela revolução técnico-científica”.

Isso significa dizer que a intensificação das relações internacionais, que é em grande medida uma consequência da modernização dos meios de comunicação e transporte, criou um ambiente favorável não só a proliferação e aprofundamento de atividades alinhadas aos

interesses nacionais (como o comércio, a ramificação do mercado financeiro, o turismo e etc.) como também tornou mais fácil a execução de práticas criminosas em rede.

Moreno (2004) afirma que o terrorismo se beneficia da existência de paraísos fiscais, da desregulamentação financeira e das modernas tecnologias e meios de comunicação para se articular logisticamente e posteriormente noticiar seus feitos para a sociedade internacional. Nesse sentido, o ciberterrorismo aumentou exponencialmente a possibilidade de que pessoas não autorizadas tenham acesso a informações vitais do Estado.

A mídia internacional tem um papel importantíssimo nesse sentido, pois se nota que “os acontecimentos que tangenciam o início do século XXI são marcados pela espetacularização e rápida aderência do medo e sua propagação” (Selis, Gallo, Maso, 2011, p. 51).

Essa orientação transnacional é acompanhada de outras condutas que viabilizam uma análise comparativa com o velho terrorismo:

Diferentemente dos revolucionários anarquistas ou dos nacionalistas – que tinham propostas políticas bem definidas, em geral assumiam seus atos, visavam figuras estratégicas do regime e tomavam cuidado para não atingir inocentes –, os novos terroristas não têm programas ideológicos específicos, partem do pressuposto de que não há inocentes e só ocasionalmente assumem a autoria dos atentados (Vesentini, 2002, apud Moreno, 2004, p. 337).

Dentre esse leque de mudanças na atuação das associações terroristas, um ponto importante a ser levantado é o aspecto religioso, que ganhou visibilidade com a ascensão da pauta sobre o fundamentalismo islâmico nos debates teóricos internacionais.

O fundamentalismo islâmico, que será abordado com mais detalhes no próximo capítulo, guinou a guerra Ocidente versus Oriente em direção a uma fusão entre premissas religiosas, ideológicas, políticas e econômicas que, segundo seus propulsores, devem ser pautadas sob uma visão ortodoxa e radical do Alcorão.

Essa fusão possibilitou a incorporação de demandas de diferentes matizes sob a lógica do islamismo, ou melhor, sob a lógica de oposição ao Ocidente. Nos países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), por exemplo, elementos como o alto nível de desemprego entre os jovens, a descrença nas instituições democráticas, a crise econômica, o extremismo de direita e o nacionalismo são elencados como fatores que interferem no aumento das ações terroristas (Bava, 2015).

Portanto, esse projeto é capaz de atrair não só um número incontável de “fiéis prontos para morrer em nome da defesa de sua fé e de seus princípios religiosos”, como apronta

Procópio (2001), como também camadas insatisfeitas com problemas sociais que advêm desde o período colonial.

É por isso que hoje grupos terroristas como o Estado Islâmico e o Boko Haram passaram a “atacar civis (47%), militares/polícia (27%), governo (6%) e negócios (6%). As vítimas de atentados com fundo religioso não ultrapassam 3%” (Bava, 2015). Não se trata apenas de se mobilizar contra os que o islamismo ortodoxo considera como infiéis, mas combater tudo aquilo que Ocidente representa e impõe, há séculos, ao resto do globo.

Sob esse aspecto, cabe assinalar um elemento levantado por Silvio Caccia Bava (2015) a respeito da formação das organizações terroristas:

[...] cerca de 20% dos estrangeiros que se incorporaram ao Estado Islâmico e outros grupos terroristas que atuam no Iraque e na Síria vêm da Europa. Rússia, França, Alemanha e Inglaterra, nesta ordem, são os principais fornecedores. É a Europa que exporta terroristas. (BAVA, 2015, p. 3).

Apesar dos dados levantados acima, é pertinente observar como ambas as partes conflitantes (Ocidente e Oriente) se apropriam do nome de Deus – como se nota, por exemplo, nos discursos de George W. Bush e Osama Bin Laden – para justificar suas ações (Procópio, 2001).

Assim, como indicado por Moreno (2004), a “carga polêmica e passional embutida ao tema” somada a sua natureza multifacetada, abarcando motivações de cunho religioso, nacionalista, racista, ideológico e etc., dificultam a análise dos ataques ocorridos no último ano na Europa, bem como desenhar seu significado para a agenda de segurança internacional.

No campo teórico, torna-se necessário a revisão da dependência da disciplina de Relações Internacionais com a estrutura de poder vigente de modo a criar agendas críticas e autônomas que se distanciem de discursos que perpetuam a xenofobia e a islamofobia (Selis, Gallo, Maso, 2011).

No próximo capítulo, analisar-se-á o conceito de fundamentalismo islâmico de maneira a compreender os ataques ocorridos na Europa em 2015, bem como os impactos causados nas teorias de segurança e Relações Internacionais.

2 - FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO

O fundamentalismo islâmico é uma manifestação religiosa em que seus seguidores seguem estritamente o que está escrito no Alcorão, assim podendo desencadear atos terroristas por se tornarem tão radicais. O objetivo dos grupos fundamentalistas é reunir religião e política em uma só ideologia e assim impor leis rigorosas à população no qual proíbem diversas coisas e, portanto, acabam dominando o controle social.

A definição e as características do fenômeno são apontadas de forma precisa por Cabral (2013):

No fundo, o fundamentalismo islâmico apresenta-se como um modelo político e não apenas como uma simples visão integrista da religião, tendo por base a transformação da lei islâmica num programa sistemático de ideias políticas e com o objetivo de convertê-las numa verdadeira Constituição ideológica do século XX. Como principais características, o fundamentalismo islâmico, apresenta um conjunto de aspetos essenciais que lhe são intrínsecos tais como o totalitarismo, que abrange e regula todos os aspetos da vida social pública e privada, tem uma visão literalista da Shari'a, uma vez que os preceitos dispostos do Alcorão devem ser aplicados rigorosamente, especialmente os que proíbem determinadas coisas, tais como o álcool, o jogo ou a mistura de sexos. Por último, é algo coercivo e repressivo, ou seja, não é uma forma alternativa, mas sim imposta e carrega uma visão repressiva, enquadrando-se, portanto, na teoria do controle social, de certo modo, porque segundo esta teoria, quanto mais fortes forem as ligações sociais mais forte será o controle social e a conformidade dos indivíduos perante as normas e leis impostas pela sociedade. Se estas ligações forem, pelo contrário, fracas ou inexistentes, podem levar ao crime e ao desvio, neste caso a coisas proibidas pelo Livro Sagrado do Islão. (CABRAL, 2013 p. 3).

Segundo Pinto (1996, p. 1), os fundamentalistas islâmicos advogam a lei da “Sharia”, que é a lei islâmica, como o único fundamento de organização da sociedade. Um dos exemplos dessa lei é a implementação da Jihad, que seria a guerra contra os não muçulmanos para instaurar a religião islâmica, na qual o califa, que é o chefe de Estado, deve ser muçulmano.

Logo, o fundamentalismo islâmico estaria voltado para o estabelecimento de relações rígidas em torno de preceitos religiosos sobre as questões de Deus na Terra. É a busca por reimplantar o reino de Deus na terra por vias políticas, no caso através da Jihad ou guerra santa.

Uma de suas características básicas é a criação de partidos políticos religiosos, como por exemplo, o Hezbollah no Líbano, que significa “partido de Deus” e o Hamas da Palestina,

cuja sigla significa “Movimento de Resistência Islâmica”. Deste modo, com a fusão entre política e religião, acredita-se que seria uma forma de fortalecer as leis do livro sagrado dentro do Estado, como também entre seus seguidores.

No entanto, o fundamentalismo não é apenas um ato de violência e tampouco é restrito apenas à religião muçulmana. Ao longo da história, é possível encontrar em diversas religiões, atos que não eram tolerados, como por exemplo, no Cristianismo no final da Idade Média, na qual certas posturas não eram toleradas por serem consideradas anticristãs.

A autora Pinto (1996), explica que existem dois tipos de fundamentalistas, os moderados e os radicais. Os moderados segundo ela, advogam a re-islamização pela base, mantendo pressão sobre os dirigentes para que estes provoquem a transformação da sociedade. Já os radicais, consideram que não há lugar para compromissos com a atual sociedade. Por isso, defendem a ruptura política e introduzem o conceito de revolução. Portanto, a interpretação varia dentro da própria religião. Existem visões fundamentalistas dentro da mesma fé e que mudam de acordo com cada leitura do livro sagrado e suas interpretações.

Contudo, podemos dizer que nem todos os seguidores do Islamismo defendem o radicalismo, ou seja, a visão mais radical onde a religião está acima de tudo.

Esse radicalismo islâmico advém da irmandade muçulmana (Egito) fundada pelo ideólogo Hassam el Banna em 1928 que defendia que a secularização era sinônimo de abandono dos preceitos da fé islâmica e o afastamento de Deus, para além de também de considerar que os valores ocidentais adulteraram o islão. Já nesta época se defendia a resistência à dominação estrangeira, o aplacar da cultura ao islão. Estas ideias foram materializadas nos dias de hoje por grupos terroristas como o Hamas, o Hezbollah e a Jihad islâmica responsáveis por múltiplos atentados à bomba. (ALVES, 2010, p. 51).

Assim, podemos considerar que o radicalismo islâmico é uma resistência à dominação europeia e rejeição da cultura ocidental, consequência da colonização europeia e das humilhações sofridas. Segundo Alves (2010), é uma rejeição da cultura ocidental ou outra qualquer que não seja muçulmana. Logo, o que se busca com a revolução é a eliminação de todos os Estados não governados pela lei islâmica.

Para Smaili (2015), os reflexos migratórios para os países centrais e a origem do fundamentalismo no Ocidente tem relação com os acontecimentos com o final do século XX, como o pós guerra e a guerra fria.

Neste período, autores como Fukuyama (1992) e Huntington (1997) tentaram analisar toda a mudança que estava acontecendo com o mundo como resultado desse período conturbado do final do século.

O fim do século é, portanto, marcado por análises como as realizadas por Fukuyama (1992), que profetizava que os grandes conflitos políticos do mundo teriam terminado com o fim da União Soviética e com a vitória do capitalismo e dos valores do Ocidente. Porém, logo em seguida, em uma espécie de contraposição, Huntington apresenta O choque de civilizações (1997), com uma teoria em que o conceito predominante é que “as grandes divisões entre a humanidade e a fonte dominante de conflitos passaria a ser cultural” (p. 89). Nasce aqui a tese de que os conflitos não seriam mais de ordem econômica ou social, e sim de ordem cultural, especialmente entre o Ocidente e o Oriente, o último com suas tradições frequentemente apresentadas como retrógradas e pouco civilizadas. O fim do século XX parecia, portanto, bem preparado para o suposto conflito de culturas que viria a seguir. (SMAILI, 2015, p 145).

Logo no início do século XXI ocorre o Ataque às Torres Gêmeas, e dessa forma a teoria de Huntington é utilizada para tentar analisar o acontecimento. Para a autora, os fatos e a história que se sucederam aos horrores do acontecimento são exaustivamente usados para apontar que o Oriente, em particular o Oriente Médio, estaria declarando guerra ao Ocidente (Smaili, 2015).

Com os ataques do 11 de setembro, expandiu-se erroneamente a visão de que os países árabes eram sinônimos de terror e violência. Desta forma, ajudou-se a espalhar a visão estereotipada do árabe e do muçulmano e conseqüentemente, criaram-se condições perfeitas para a teoria do choque das civilizações.

Para Marranci (2004), a análise de Huntington (1997) em “O Choque de Civilizações” não é apenas uma teoria, mas sim uma realidade cultural e social para grande parte das pessoas em suas vidas cotidianas, uma vez que os valores religiosos e culturais são os grandes temas de conflitos atuais.

2.1 – Orientalismo x Ocidentalismo

Contrapondo o argumento amplamente difundido pela mídia de massa, que associa diretamente o fundamentalismo religioso ao Islã, o livro do intelectual palestino Edward Said *Ocidentalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (1978) marcou de forma significativa os

estudos sobre Oriente Médio no âmbito da Ciência Política, Filosofia, Antropologia e Estudos Pós-coloniais.

O principal argumento da obra consiste em demonstrar como as representações orientais feitas no Ocidente não condizem com a realidade. O exótico, o misterioso, o mágico presente na literatura e nos filmes aos quais temos acesso exibem uma visão distorcida do Oriente, identificando-o como diferente e ameaçador.

Esses estereótipos que compõem o modo como concebemos o Oriente não são construídos de maneira aleatória e sem propósito, segundo o autor. Eles foram desenvolvidos desde o período colonial com o objetivo de inferiorizar e legitimar a conquista territorial e ideológica empreendida pelos europeus. Segundo Said:

O orientalismo não é um mero tema político de estudos ou campo refletido passivamente pela cultura, pela erudição e pelas instituições; nem é uma ampla e difusa coleção de textos sobre o Oriente; nem é representativo ou expressivo de algum nefando complô imperialista "ocidental" para subjugar o mundo "oriental". É antes uma *distribuição* de consciência geopolítica em textos estéticos, eruditos, econômicos, sociológicos, históricos e filosóficos; é uma *elaboração* não só de uma distinção geográfica básica (o mundo é feito de duas metades, o Ocidente e o Oriente), como também de toda uma série de "interesses" que, através de meios como a descoberta erudita, a reconstrução filológica, a análise psicológica e a descrição paisagística e sociológica, o orientalismo não apenas cria como mantém; ele *é*, em vez de expressar, uma certa *vontade* ou *intenção* de entender, e em alguns casos controlar, manipular e até incorporar, aquilo que é um mundo manifestamente diferente (ou alternativo e novo) [...] (SAID, 1978. p. 24).

Nesse sentido, foram empreendidos esforços em diversos âmbitos (educação, informação, legislação) com o intuito de desumanizar, demonizar e destituir os islâmicos de qualquer resquício de racionalidade, difundindo entre o Ocidente a ideia de que todos os seus seguidores são “extremistas”, “violentos” e “fanáticos” que devem ser exterminados.

A criação do Estado do Israel em 1948, realizada em consonância com os interesses ocidentais, foi significativa no acirramento do conflito entre árabes e judeus na região. Pilati e Pires indicam a procedência do fenômeno:

[...] foi após o Holocausto judeu na II Guerra Mundial – considerado o ápice do antissemitismo – que ocorreu a mobilização efetiva, sionista e de potências mundiais, para criação do Estado judeu na Palestina, Israel. É a partir daí que o conflito entre árabes e judeus na Palestina se intensifica e passa a ganhar notoriedade (PILATI, PIRES. 2008. p. 7-8).

Entretanto, Helenas Salem chama atenção para o espectro político do conflito: “no momento em que árabes matam árabes e em que judeus discordam de judeus, fica mais do que evidente que a questão não é árabe ou judia, muçulmana ou israelita, mas de fato política”

(Salem, 1982, *apud* Pilati, Pires, 2008, p. 8-9, editado). Sob a mesma lógica, os atentados terroristas de 11 de setembro nos Estados Unidos contribuíram em grande medida para que o “orientalismo” passasse a ser empregado também pelos estadunidenses, novo eixo do poder político e econômico mundial.

Segundo Graham *et all* (2004), o discurso empregado por Bush na “Guerra ao Terrorismo” possui alguns elementos que são instrumentalizados a fim de garantir a legitimidade das ações realizadas pelo governo estadunidense depois do 11/9. São eles: a) apelo ao poder legítimo externo ao orador e, por isso, bom; b) apelo à importância histórica da cultura a qual o discurso se oferece; c) a construção de um outro de natureza perversa; e d) apelo a uma unificação através da fonte do poder legítimo (Graham, 2004, *apud* Suarez, 2007, p. 10).

É interessante notar como esse discurso é apropriado e difundido pelos orientalistas como um sinal de seu poder e de sua autoridade intelectual, que, ancorado na cientificidade acadêmica ocidental “[...] faz o oriente falar, descreve o oriente, esclarece os seus mistérios por e para o ocidente. Ele nunca está preocupado com o oriente exceto como causa primeira do que diz.” (Said, 1978. p. 32).

Essa autoridade dissemina, estabelece cânones de gosto e valor, reproduz e forma, segundo o autor, tudo o que será pensado, dito, escrito e publicado sobre o Oriente. Segundo Marcos Costa Lima:

O repertório de incongruências e preconceitos a respeito da civilização árabe-muçulmana está também vinculado à ignorância ocidental sobre esta cultura, sobre suas contribuições, bem como por um trabalho de negação feito, sistematicamente, no século XIX por pensadores europeus, a exemplo de Ernest Renan, que faziam com que a contribuição destes povos só aparecesse furtivamente nas histórias gerais das civilizações e, no melhor dos casos, como uma simples transmissão entre a Grécia e a Europa do Renascimento (Djebar, 2001, *apud* Lima, 2008).

Nessa lógica, Said tenta demonstrar em sua obra que a distinção ontológica e epistemológica promovida pelo orientalismo tem por objetivo ainda fortalecer e identificar a cultura europeia em contraposição ao Oriente, caracterizando esta última como o símbolo da barbárie com o qual só há duas ações possíveis: civiliza-los ou exterminá-los (Chauí, 2005. p. 41).

A grande sacada de Said foi demonstrar como o aspecto cultural auxiliou dinamicamente a engrenagem política, econômica e militar europeia e, posteriormente, estadunidense, para que seus fins fossem atingidos, através dos mecanismos de dominação já

citados de legitimação e justificação de suas ações (inferiorização, desumanização, racismo, xenofobia e etc.).

Sob esse aspecto, o autor diferencia o orientalismo europeu, exercido de maneira mais direta através da exploração de suas colônias, do orientalismo americano, mais politizado, no qual a mídia possui papel essencial tanto no que diz respeito à promoção do nacionalismo e exteriorização do “outro” como o inimigo a ser combatido, quanto na disseminação do medo, como ocorre diante de atentados terroristas.

A partir de processos históricos, políticos e intelectuais, elaboram-se, então, identidades parciais que implicam o estabelecimento de opostos, mais particularmente da singularidade de uma sociedade ou comunidade frente a “outros”. Ao contrário de serem meras abstrações, tais identidades fundamentam a criação de uma política concreta definida, dentre outras características, pela ortodoxia, por leis excludentes, pela legitimação da violência e por uma política externa de dominação. (SAID, 2007, *apud* Carvalho. 2010. p.51).

Esse aparato é sustentado pela já referida figura socialmente construída e legitimada do bárbaro, revivida, consolidada e perpetuada a cada manchete dos últimos atentados terroristas cometidos na Europa. Essa reconstrução é engatilhada a partir da identificação do aspecto cultural, com o fundamentalismo religioso e do fundamentalismo religioso com o terrorismo (Chauí, 2005. p. 41).

Sob esse aspecto, apesar de a Europa ser a região que mais exporta terroristas que atuam no Estado Islâmico (Bava, 2015), tem crescido na região uma espécie de “islamofobia”, sentimento agravado com a atual crise dos refugiados sírios.

O conflito entre o governo sírio e grupos rebeldes já dura mais de 5 anos e, segundo dados da Anistia Internacional, já deslocou cerca de 4,8 milhões de pessoas para apenas 5 países: Turquia, Líbano, Jordânia, Iraque e Egito. Segundo Filippo Grandi, Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados, “A Síria é a maior crise humanitária e de refugiados do nosso tempo, que continua causando sofrimento para milhões de pessoas e que deveria atrair o apoio de todo o mundo” (Acnur – Agência da ONU para Refugiados, 2016).

Nesse sentido, Michaël Privot, diretor da Rede Europeia Contra o Racismo, alerta a população muçulmana residente no continente a respeito de ataques a mesquitas e discriminação no emprego das mulheres muçulmanas como as principais manifestações da Islamofobia.

2.2 – Islamofobia

Segundo o The Runnymed Trust (1997), Islamofobia é o sentimento de hostilidade em relação ao Islã e também às consequências pelo ódio e repúdio em relação aos muçulmanos e ao Islamismo.

[...] Se puede deducir que la islamofobia sería una actitud hostil hacia el islam y los musulmanes basada en la imagen del islam como enemigo, como una amenaza para «nuestro» bienestar e, incluso, para «nuestra» supervivencia. Por tanto, una imagen crítica del islam, tal cual, no sería islamofobia en tanto no manejara una imagen de éste como enemigo, como una amenaza. (LOPEZ, 2010, p. 3).

A islamofobia vem sendo um tema bem atual, com grande repercussão desde os ataques de 11 de setembro. Porém, nos últimos tempos, vem tendo grande destaque devido aos ataques de Paris e Bruxelas, como também, pelo grande número de imigrantes muçulmanos na Europa.

Para controlar os dados oficiais da manifestação de islamofobia na Europa, foi criado o Observatório Europeu do Racismo e Xenofobia (EUMC). Segundo o relatório “Os muçulmanos na União Europeia: discriminação e Islamofobia” (2004) é bem exposto que muitos muçulmanos europeus apresentam uma grande taxa de desemprego ou empregos menos qualificados, em setores mal remunerados. Além disso, grandes números sofreram e sofrem ameaças verbais e ataques físicos.

Para o autor Fernando Bravos Lopes (2010), a islamofobia possui suas próprias características, história e formas de rejeição. No entanto, ele assemelha a islamofobia ao antissemitismo.

O antissemitismo foi a reação contrária a emancipação dos judeus na Europa e na crença de que os judeus seriam uma ameaça. De certa forma, a islamofobia apresenta as mesmas características, ou seja, há uma crescente emancipação de muçulmanos no Ocidente, que assim como os judeus foram no passado, agora no presente os muçulmanos que são os vistos como a ameaça.

É um fenômeno novo, mas de grande atualidade e expansão. É um sentimento de recusa perante os muçulmanos que estão presentes no Ocidente. Os muçulmanos na Europa são geralmente acusados de tentarem islamizar e tentar converter o continente em uma Eurásia, e com isso buscarem expandir as leis do Alcorão em um continente não muçulmano.

Porém, no mundo islamofóbico, são as mulheres as que mais sofrem por serem as mais fáceis visivelmente de serem associadas ao Islão, por conta das burcas e hijabs. Muitas sofrem preconceitos, xingamentos na rua, no ônibus, ou qualquer outro lugar que estejam apenas por serem associadas ao terrorismo e ao islão.

Quase todos os Estados europeus acreditam que o véu islâmico é extremamente problemático. É o único vestuário que preocupa e irrita por ser visto e considerado um ato de extremismo religioso. Um exemplo de um grande debate sobre o véu islâmico aconteceu com a proibição do uso na França e na Bélgica em locais públicos, como em escolas, nas ruas, no trabalho.

A lei, criada pelo ex-presidente conservador Nicolas Sarkozy, diz que ninguém pode usar em espaço público uma roupa que esconda o rosto. Quem fizer isso pode receber uma multa de 150 euros (cerca de R\$ 450) e ter que se submeter a aulas de cidadania. (BBC, 2014).

Com isso, podemos analisar que a fé é vista como um problema de segurança. Os Estados europeus acreditam que a fé islâmica afronta alguns valores ocidentais como democracia e direitos humanos, e por isso acabam sendo hostis aos costumes religiosos dos muçulmanos, gerando preconceitos e atritos.

Os atentados de Setembro de 2001, percebidos por muitos como um ataque do Islão contra o Ocidente, vieram reforçar estereótipos e generalizar o medo. Também sensibilizaram os governos europeus para a necessidade de manter um diálogo mais estreito com as comunidades muçulmanas na Europa, o que conduziu à criação, em vários países, de conselhos consultivos islâmicos para actuarem como interlocutores privilegiados junto dos governos e exercerem uma influência moderadora junto das comunidades muçulmanas nacionais, neutralizando a influência externa e os focos de radicalismo. Estas iniciativas foram, no entanto, objecto de forte contestação – por pretenderem “domesticar” o Islão, por instituírem organismos não representativos, etc. – e não conseguiram aplacar a islamofobia, entretanto acirrada por novos atentados, em Madrid e em Londres, e por um discurso político abertamente anti-islâmico, já não privativo da extrema-direita, mas transversal ao espectro político. (JERÓNIMO, 2013, p. 2).

A islamofobia sofrida pelos muçulmanos é resultado de uma generalização de um estereotipo no qual as pessoas os assemelham aos atos terroristas e aos próprios terroristas. Atos como o 11 de setembro, os atentados em Madri, Londres, Paris, Bruxelas, são exemplos de acontecimentos que aumentam a incidência de ódio perante aos muçulmanos. Por esses atentados terem sido causados por muçulmanos e em nome de Allah, todos os praticantes do islamismo acabam sendo vítimas de pré- julgamento, rejeição e intolerância.

2.3 – Estado Islâmico

O terrorismo é uma ameaça à paz e à segurança dos Estados. A notoriedade sob o terrorismo ficou crescente após os atentados de 11 de setembro, assumidos pelo grupo Al Qaeda. No entanto, recentemente, outro grupo vem tendo maior destaque nos últimos acontecimentos: o grupo terrorista Estado Islâmico (EI), antiga célula do grupo extremista da Al Qaeda.

Mas, afinal de contas, quem são esses terroristas que conseguiram, de forma inédita, unir Estados Unidos e Irã, adversários de longa data, sem ter um único aliado no cenário internacional? Apesar de realmente usar táticas cruéis, próprias de um grupo terrorista, como conseguem a adesão voluntária de milhares de jovens europeus? Como foi possível ocupar um território de tamanho equivalente à Jordânia, com cerca de oito milhões de pessoas, incorporando partes significativas da Síria e do Iraque? (COCKBURN, 2014, p. 9).

Hoje, o EI é liderado por Abu Bakr Al- Baghdadi, que defende a tese de ser um governo monárquico, para imposição de um califado (Dellagnezze, 2016). Entretanto, as bases desse grupo surgiram a partir de um processo histórico muito antigo: a morte do profeta Maomé.

Após a morte do fundador do islamismo, seus seguidores concordaram com a criação de um califado, que consistiria em uma sucessão do governo maometano com um novo sistema de governo (Lauria, Silva e Ribeiro, 2015). No entanto, no momento de decidir quem seria o sucessor do profeta, houve uma divisão de consenso entre os dois grupos, os xiitas e os sunitas.

Os xiitas defendiam que o sucessor fosse da família de Maomé, porém como o profeta não havia tido filhos homens, o pretendido pelo grupo seria seu genro Ali ibn Abi Talib, casado com sua filha Fátima. Os sunitas, grupo majoritário, ao qual pertencem cerca de 90% total dos muçulmanos, por sua vez, acreditavam que como o profeta não possuía herdeiro legítimo, qualquer fiel poderia se candidatar à sucessão, desde que a comunidade aceitasse o candidato por consenso. Devido à necessidade de escolher um sucessor o quanto antes e sob a justificativa de que Ali seria jovem e inexperiente demais para o cargo, Abu Bakr, grande amigo do profeta, se tornou califa, apesar das queixas dos xiitas. Antes de morrer, Abu indicou seu sucessor que, por sua vez, criou um conselho para decisão do próximo califa. O indicado por esse conselho foi Uthman ibn Affan, o que acabou por acirrar os conflitos, já que era membro de uma família rica e considerado possuidor de privilégios que Maomé havia combatido. A crise teve como consequência o assassinato de Uthman por rebeldes e a abertura para que Ali se tornasse califa, conforme a vontade dos xiitas. Naquele contexto, a divisão entre as vertentes já estava muito profunda e,

cinco anos mais tarde, Ali também foi assassinado por um opositor. O próximo califa foi novamente o de preferência dos sunitas e desde então inúmeros conflitos foram travados e sub-vertentes surgiram dentro da complexidade que é a comunidade islâmica. (LAURIA, SILVA e RIBEIRO, 2015, pag 1).

Nesse contexto, surgiu o EI. Dada a expressão que o grupo vem adquirindo pela autoria de atentados terroristas em diversas partes do mundo, faz-se necessário uma breve análise histórica do grupo a fim de entender suas dinâmicas e objetivos.

Segundo Cláudio Júnior Damin, o EI surgiu a partir da figura do jordaniano Abu Musab al-Zarqawi, o qual, na busca de estabelecer um califado universal para os muçulmanos, aproximou-se da Al-Qaeda de Osama Bin Laden. A época dos ataques de 2001, Zarqawi já teria articulado seu próprio grupo jihadista, o qual teve atuação significativa contra as tropas estadunidenses no Iraque, em 2003. De acordo com Lister: “Zarqawi acreditava que sua organização poderia aproveitar o caos resultante [da invasão] e lançar-se como o defensor da comunidade sunita e para dar início ao estabelecimento de um estado islâmico” (2014, p. 7, apud Damin, 2015. p. 27).

Desde então, o grupo foi chamado de diversos nomes e oscilou entre momentos de mais expressão e momentos de perda de poder frente à coalizão internacional antiterrorismo, liderada pelos Estados Unidos, que atua no território. Entre em 2010 e 2011, a relação entre a Al-Qaeda e o EI se deteriorou até culminar no documento “Promise of Allah”, lançado no ano de 2014, no qual o grupo se autointitula “Estado islâmico” e, partir de referências religiosas, legitima sua instauração (Damin, 2015, p.31).

O nome vem sendo fonte de discussão graças ao uso do substantivo “Estado”, o qual desestrutura toda uma construção político-social em torno do conceito². Sendo assim, França e Estados Unidos vêm utilizando o termo “Daesh” para se referir ao grupo, que em árabe se assimila a pronuncia da palavra dahes, que significa "aquele que semeia a discórdia" ou "aquele que tenta impor sua vontade”. Expressão é considerada pejorativa pelos jihadistas e foi proibida nos territórios ocupados (Deutsche Welle, 2016).

A parte das controvérsias a respeito do nome correto a ser utilizado para fazer referência ao EI, não resta dúvidas quando ao desempenho e autonomia do grupo. De acordo com Damin (2015), o Estado islâmico é agora uma organização muito mais complexa do que um dia foi a Al-Qaeda: “hoje o EI governa cidades, possui fontes geradoras de recursos financeiros próprios, uma burocracia e forças irregulares numerosas”.

² Leia mais em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150105_estadoislamico_estados_hb

Atualmente, o grupo domina áreas na Síria e no norte do Iraque, porém seus ataques são executados em vários lugares do mundo. O financiamento de suas ações é decorrente da venda de petróleo proveniente da refinaria localizada na cidade de Mossul, no norte do Iraque, dominado pelo EI. (Dellagnezze, 2016).

O grupo vem sendo destaque nas manchetes internacionais dos últimos anos, pelos seus ataques em diferentes partes do mundo, como também pela sua crescente expansão nos territórios da Síria e Iraque. De acordo com Lauria, Silva e Ribeiro (2015) outro ponto em que também chama atenção é a quantidade de combatentes de outros países que o grupo está conseguindo recrutar.

3 – O TERRORISMO E A ATUAÇÃO DA MÍDIA

A mídia é a principal fonte de informações utilizada pela maioria das pessoas atualmente, a qual exerce grande influência por ter o poder de redirecionar sua atenção para determinados temas por ela trazido, e por influenciar principalmente no desenvolvimento das opiniões e críticas de cada indivíduo sobre os temas abordados em sites de notícias, jornais, revistas, televisão, etc.

Os recursos midiáticos são muitos, pois nada como a comunicação de massa é capaz de transmitir ideias com amplo alcance, com eficiência e credibilidade. Uma parcela muito pequena das pessoas desconfia dos conteúdos que lhes são transmitidos e uma parcela menor ainda se engaja em questionar esses conteúdos. (CHAUÍ, 2006, p. 74)

A mídia tem como principal finalidade trazer informações ou mensagens para a população de um modo geral, e o terrorismo acaba ganhando destaque especial de forma fácil na mídia, seja ela internacional ou nacional. O ato de terrorismo também pode ser considerado um ato de comunicação, no qual sempre quer repassar uma mensagem ou comunicado. A única diferença é que o ato terrorista se utiliza da violência para repassar suas mensagens, pois é criando o caos através de seus atos que os terroristas conseguem alcançar de forma rápida e eficaz as mídias e então conseguem repassar sua mensagem, seja ela apenas de aviso, seja de reivindicação, mas sempre buscando atingir seus objetivos.

Desta maneira, e com a importância que a mídia exerce no mundo, as ações terroristas acabam sendo planejadas com maior cuidado, para que possam realmente, ao realizar o ato, conseguir a atenção da mídia, pois então conquistará seu primeiro objetivo que é o reconhecimento. Afinal, ao ter a mídia focada em seus atos, conseguirá iniciar uma onda de insegurança e medo para a população a quem se destina seus atos, ou até mesmo para diversos outros grupos de pessoas, mesmo não sendo esses os alvos dos ataques, possibilitando a implementação de um cenário que contribui para sua expansão e conseqüentemente sua atuação.

Com o advento da Era Contemporânea e a maior participação popular nos debates políticos das sociedades ocidentais, a opinião pública ganhou espaço como fator determinante tanto na vida política nacional quanto nas relações internacionais. (DE ORTE, 2016 p. 27)

A ideia de opinião pública pode estar ligada à opinião de uma única pessoa ou também de um grupo de pessoas com relação a determinado fato ou acontecimento. Segundo Augras (1970), a “opinião é um fenômeno social. Existe apenas em relação a um grupo, é um dos modos de expressão desse grupo e difunde-se utilizando as redes de comunicação do grupo”. Já para Da Viá (1983), a “opinião é um conjunto de crenças a respeito de temas controversos ou relacionados com interpretação valorativa ou o significado moral de certos fatos”.

Desta forma, fica claro que a opinião tem como origem o interior dos grupos sociais, no qual posteriormente tornam-se públicas ao iniciar-se uma discussão sobre os determinados temas ou acontecimentos. No decorrer do processo de formação da opinião pública existem diversos fatores que precisam ser considerados e analisados, dentre eles podemos destacar os fatores psicológicos e principalmente os sociais.

Da Viá (1983) faz outra menção em relação à opinião, no qual cita que a opinião é de natureza comunicativa e interpessoal. Serve de mediadora entre o mundo exterior e a pessoa sob dois aspectos: 1º a adaptação à realidade e ao grupo; 2º a exteriorização.

Desta forma, ao analisar os atos terroristas e tida a cobertura realizada pela mídia sobre esses ataques, fica claro que a sua repercussão é negativa para a grande maioria da população. Porém, os grupos terroristas ainda conseguem recrutar cada vez mais pessoas adeptas a sua causa, pois eles conseguem atingir grupos que são considerados mais vulneráveis através do forte apelo religioso que é transmitido através de suas mensagens, conseguindo então manipular essas pessoas.

Nacos (2007) elenca a intenção dos terroristas ao ter seus ataques noticiados pela mídia:

Primeiramente, os terroristas querem a atenção das audiências tanto internas quanto externas à sua sociedade alvo [...] Segundo, terroristas querem o reconhecimento de seus motivos [...] Terceiro, terroristas pretendem atingir o respeito e a simpatia daqueles pelos quais eles alegam representar [...] Quarto, terroristas querem o status de quase legitimação e o mesmo ou similar tratamento que os atores políticos recebem da mídia. (NACOS, 2007, p. 20, tradução nossa).

Apenas um ato terrorista pode repercutir trazendo diversos resultados, e em alguns casos os resultados são piores do que os previstos inicialmente, pois o temor acaba mais

estimulado e agravado com a cobertura massiva que a mídia realiza sobre o ato, acarretando além de problemas físicos, problemas psicológicos.

Um grande exemplo disso foi o ataque realizado em 2001, mais conhecido como “11 de Setembro”, que atingiu as Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova York. Na ocasião, a cobertura realizada pela mídia trouxe para o mundo imagens impactante, no qual até hoje na memória das pessoas aquelas reportagens são lembradas, e talvez jamais sejam esquecidas.

A utilização precisa dos recursos da mídia é componente essencial na estratégia de bin Laden. Os ataques aéreos de 11 de setembro de 2001 são exemplos disso. O saudita conseguiu fazer com que a mídia levasse sua mensagem ideológica para o mundo todo. (MOREIRA, 2007 p. 205)

A partir daquele momento a mídia ganha mais força, força essa talvez nunca visto antes, e passa então a “manipular” o pensamento da população mundial. Assim como esse e todos os outros atentados realizados ao redor do mundo a sua finalidade é ter sua mensagem exibida na mídia, mesmo que isso custe milhões de vidas ao passo que cada novo atentado é realizado.

O que o mundo todo assistiu foi exatamente o que eles desejavam: a mensagem de que o “império americano” não era inatingível foi transmitida pelas imagens dos aviões e pelo discurso de Osama Bin Laden (NACOS, 2007, p.46, tradução nossa).

À vista disso, com esse ataque noticiado em tempo real pelo mundo todo, a mídia e o terrorismo começaram a ter uma relação mais próxima a partir dessa notícia. Pois dessa forma, o mundo parou para assistir a cobertura completa, e após esse ataque os terroristas passaram a se utilizar da mídia de maneira inteligente. Hoje o terror também se alimenta da mídia, e a mídia passou a exercer papel fundamental na existência dos grupos e ataques terroristas.

Dorneles (2003) cita como a mídia tem força para manipular a opinião da população:

Bin Laden passou a ser o nome mais falado nas redes de notícias, e o inimigo número um dos americanos. A própria mídia contribuiu preparando os espectadores para uma possível guerra e motivando a população ao patriotismo. (DORNELES, 2003, p. 51).

Ao pesquisar sobre ataques terroristas e a força da mídia atualmente, encontramos as coberturas e as reportagens realizadas sobre os ataques do Estado Islâmico, repletos de

violências e extremamente cruéis. Todos esses ataques que são realizados pelo grupo despertam reação semelhante à população, que recebem as notícias de maneira contínua e de imediato.

Ao se “aproveitar” da mídia, o Estado Islâmico consegue divulgar e expandir seu projeto de reestruturação do califado islâmico, além de demonstrar para a população como um todo seu poder de intimidar os indivíduos e despertar reações de lideranças políticas e civis nas regiões e países por eles atacados. O grupo trabalha de maneira estratégica, utilizando-se também das redes sociais. Assim fica claro que a utilização das tecnologias midiáticas é voltada a seu favor, pois aproveitam a necessidade que a mídia tem em atrair atenção da população em massa. Logo se aproveitam e divulgam suas notícias com grande apelo, pois sabem que será retransmitida e conseqüentemente alcançara os objetivos do grupo.

Outro problema resultante da mídia, é que sua cobertura dos ataques terroristas chega em números expressivos de pessoas, e esses atos terroristas acabam por gerar simpatia e respeito naqueles indivíduos em nome dos quais o grupo terrorista diz agir, e conseqüentemente motivam mensagens apoiando seus atos realizados. Concomitante, conseguem alcançar outro objetivo, que é o recrutamento de novos seguidores, mesmo que totalmente desconhecidos e de outras regiões ou até principalmente outros países.

Esse recrutamento fica mais claro e de fácil entendimento em relação ao Estado Islâmico, pois as matérias que são divulgadas pelo grupo e noticiada na mídia, demonstram que seus atos realizados no Iraque e na Síria são positivos e importantes para um “mundo melhor”, e conseguem atrair cada vez mais adeptos. (BBC, 2015)

Desse modo, Orte (2016), explica que esse instrumento de usar a mídia como meio para atrair apoio de guerra, vem sendo usado nos conflitos do Oriente Médio desde metade do século passado.

A mídia passou a exercer o papel de ferramenta nos conflitos do Oriente Médio ao longo da segunda metade do século XX, já que os combatentes do lado árabe compreenderam sua importância como arma de guerra no campo de batalha ideacional. De maneira a espalhar sua mensagem e angariar apoio, esses atores passaram a empregar uma nova estratégia de guerra, que consistia, em termos gerais, em criar uma nova narrativa para as guerras no Oriente Médio. (DE ORTE, 2016, p. 38)

Apesar de toda a brutalidade realizada pelo Estado Islâmico em cada ataque, fica claro a grande aceitação que o grupo recebe ao redor do mundo, principalmente devido a inúmeros problemas políticos e sociais que os países vivem constantemente.

O Serviço Europeu de Polícia (Europol), ao realizar uma operação contra o extremismo que acontece na internet, constatou que o Estado Islâmico estaria desenvolvendo uma plataforma própria nas redes sociais, a qual tem como finalidade burlar a contenção de segurança nas comunicações e a propaganda realizada pelo grupo na busca de recrutar novos adeptos à sua causa. Outra finalidade dessa plataforma própria é que tornaria-se muito mais difícil localizar seus colaboradores e adeptos, e através dela o Estado Islâmico conseguirá transmitir sua própria versão dos fatos e principalmente “justificar” seus atos realizados. (G1, 2017)

Neste sentido, quanto mais a mídia cobre os ataques terroristas e traz como destaque essas notícias, mais atenção os terroristas estão recebendo, e alcançando mais um objetivo.

Portanto, recebem tanta atenção da mídia quanto os grupos ou forças políticas recebem, e esses últimos tentam responder as mensagens que os terroristas enviam resultando em um ciclo vicioso. Logo o terrorismo tem cada vez mais espaço e destaque na mídia, ajudando a direcionar e manipular a opinião pública. Desta forma, quanto mais atenção o Estado Islâmico recebe, mais forte ele fica, e continuará praticando seus atos violentos e brutais, e cada vez mais terá atenção midiática e populacional destinada ao grupo.

3.1 – A construção da ideia de terrorismo e a mídia

Ao longo dos anos, assim como diversos entendimentos e significados sofreram alterações, o termo terrorismo também teve diversos significados, como podemos perceber pelo apontamento realizado por Nacos (2007),

Durante o século XVIII, o terrorismo tinha como definição: ações violentas que provêm do Estado. Já no século XIX, essa definição é expandida para incluir as violências vindas de classes subalternos ao governo, como os crimes praticados por anarquistas e policiais. No século XX o significado sofre nova alteração, e passa a significar principalmente violência política realizada por atores que não fossem os Estados. (NACOS, 2007, p. 22, tradução nossa).

Após diversas alterações em seu significado, no final do século XX e início do século XXI, o mesmo sofre mais uma alteração e dessa vez ligado com a existência da mídia, conforme Nacos (2007) cita,

O terrorismo é uma violência política contra não combatentes/inocentes que é cometida com a intenção de promover o ato para obter publicidade e

consequentemente atenção pública e do governo. (NACOS, 2007, p. 22, tradução nossa).

Com esse novo entendimento e significado de terrorismo, é nítido que o mesmo passa a estar diretamente ligado com a importante influência que a mídia exerce sobre a população. Então passa a ser interpretado como uma forma de conquistar a atenção das pessoas de um modo geral para determinados temas específicos, e a forma de ter essa total atenção é realizando atos terroristas, ou seja, atacando vítimas em massa.

Outro fator importante utilizado pelos terroristas foi acompanhar a grande evolução dos meios de comunicação. Com esse crescimento a influência da mídia sobre a população também aumentou gradativamente, e ao conseguir a atenção da mídia com seus ataques, os atos praticados pelos terroristas passaram a receber maior destaque e, consequentemente maior visibilidade pelo mundo.

De acordo com o citado anterior, podemos perceber as mudanças que ocorrem com os significados dados à linguagem, no qual acompanha a evolução histórica do mundo, onde a linguagem passa a cada período por transformações necessárias de acordo com a realidade vivida naquele momento, sendo considerado um fato social determinado e datado.

Oliveira (2006), já fazia referência a essas mudanças que a linguagem sofre de acordo com a evolução da humanidade e de cada região ou país:

Ao utilizar-se da linguagem, tanto o mundo quanto o próprio homem são modificados pelas consequências de suas ações, de modo que a verdade seria para ele apenas uma questão de interesses e práticas das comunidades verbais. (OLIVEIRA, 2006, p. 127).

Outro apontamento importante realizado por Oliveira (2006), é que cada palavra pode receber um significado diferente de acordo com o ambiente que as mesmas são utilizadas:

As palavras adquirem significado se comparadas ao contexto no qual são proferidas e também quando esta linguagem é interpretada, é necessária uma análise do propósito do comportamento, ou seja, as condições são imprescindíveis para a compreensão dos significados da ação. (OLIVEIRA, 2006, p. 135).

Mas toda essa evolução e mudança de palavras e significados só acontecem baseadas na eficácia que a transformação tem perante a realidade vivida pelos indivíduos participantes daquele “contexto”.

Baseado na construção da ideia de terrorismo e a evolução dos meios de comunicação, após uma palavra, uma ação, ou qualquer outro ato proferido diversas vezes pela mídia, e

defendido como verdade absoluta, leva os telespectadores a introduzir aquilo como verdade. A mídia tem grande importância na formação da opinião pública sobre seus conteúdos apresentados (PEREIRA, 2006).

A mídia, ao cobrir os atentados e noticiar o Estado Islâmico, determina como características do mundo Islâmico a violência, o ódio e principalmente o ressentimento que eles têm em relação ao mundo Ocidental. O grande problema é que toda essa característica determinada pela mídia manipula as opiniões públicas, criando opiniões enganadas e simplistas em relação à sociedade islâmica. A população em geral acredita que estas são agressivas, bárbaras, que resistem constantemente à modernidade, no qual estão atacadados por valores ultrapassados e são dirigidos por uma ideologia radical e fanática, no qual consideram todos os muçulmanos em sombras sociais.

Os atentados que acontecem no Ocidente recebem mais atenção e maior destaque na mídia em relação aos ataques que acontecem do Oriente Médio. Os ataques que acontecem no Ocidente são noticiados baseados em um foco mais humanitário, já os ataques que acontecem no Oriente Médio têm uma base sobre os fatos básicos do acontecimento, como o número de feridos, número de mortes, se os terroristas foram identificados, encontrados e presos, se o ataque foi ou não suicida, e principalmente qual o grupo estava por traz do ataque.

Um exemplo clássico desse apontamento citado anteriormente é o caso do atentado terrorista conhecido como o Massacre do Charlie Hebdo, que foi um ataque que atingiu e destruiu o jornal satírico francês, o Charlie Hebdo. Esse ataque ocorreu em 07 de janeiro de 2015, em Paris, no qual acabou resultando em doze pessoas mortas e cinco gravemente feridas. E nesse ataque ficou clara a explosão midiática que trouxe inúmeras manifestações repudiando-o.

Em contrapartida a toda essa manifestação realizada pela mídia em relação a esse atentado, os jornais do mundo islâmico repudiam o atentado realizado contra o semanário francês Charlie Hebdo (Deutsche Welle, 2015). Segundo noticiado, o terrorismo realizado nesse ataque ameaça à paz, e principalmente mancha mais ainda a imagem do Islamismo. Esse ataque provocou indignação pelo mundo todo, assim como em boa parte do mundo muçumano e árabe. E a mídia islâmica ainda declarou que os motivos de cada ataque estão sempre a ideologia dos criminosos, e que para a grande maioria, nesse ataque específico o responsáveis eram os extremistas e o extremismo muçulmano, pois o Charlie Hebdo já havia feito inúmeras críticas ao Estado Islâmico, e até charge em relação Maomé.

Vários jornais árabes condenaram os ataques. O jornal da Tunísia Akhbar Tunis, um dos principais jornais do país, afirmou que os muçulmanos extremistas mudaram o Islã para

uma religião de terror, e que essa transformação acaba prejudicando a si mesmo, ou seja, acaba prejudicando o próprio islamismo. E fala que através desses extremistas, a dignidade do profeta escrita e assegurada pelas escrituras ao longo da história, se torna ridicularizada. O jornal Al Quds Al Arabi disse que o ataque em Paris poderia causar uma mudança na política ocidental e para o jornalista paquistanês, Muhammad Ziauddin, o ataque deixará a terrível imagem de que os muçulmanos são desumanos. (Deutsche Welle, 2015).

Sendo assim, o ataque foi considerado uma vingança em relação ao Charlie Hebdo, e principalmente dos jornalistas que realizaram diversas piadas sobre os líderes islâmicos e sobre inúmeras charges sobre Maomé, além de não aceitarem e respeitarem a religião e a cultura do Oriente.

Dessa maneira, o papel exercido pela mídia se torna cada vez mais importante para a sociedade como um todo, e principalmente para as relações internacionais, permitindo que cada grupo ou região possa conhecer o que está acontecendo no mundo sem precisar estar presente em cada acontecimento.

3.2 – Como a mídia transmite e a população recebe as notícias

Com o expressivo crescimento da mídia, os meios de comunicação estão ligados e atentos aos diversos assuntos que acontecem no cotidiano das pessoas, de regiões e dos países. A mídia se utiliza da informação como produto, e se determinados assuntos ou acontecimentos atraem a atenção das pessoas, e possa gerar aumento de público e consequentemente de vendas, então a mídia faz questões de noticiar e se gera maior destaque é transmitido inúmeras vezes. Desses assuntos e acontecimentos que atraem maior atenção internacional são os casos de ataques terroristas, pois ao veicularem notícias ligadas a ataques terroristas o mundo todo acompanha, e a violência desperta curiosidade das pessoas para acompanhar o que está acontecendo ao redor do mundo, aumentando a procura por informações relacionadas a essa temática.

Os meios de comunicação atualmente, de um modo geral, abordam em suas matérias um rápido esclarecimento para qualquer tipo de problema que esteja acontecendo, trazem inúmeras “soluções” para esses problemas e respostas para qualquer tipo de pergunta, mas sempre baseado naquilo que a mídia acha mais conveniente e interessante. Porém a grande dificuldade enfrentada pela mídia ao publicar suas matérias é saber que tipo de informação

será melhor recepcionada por seu público, pois ao cobrir qualquer notícia precisa-se levar em consideração o senso crítico de cada indivíduo ao acompanhar a notícia publicada.

Um exemplo claro sobre a influência da mídia em relação às suas matérias publicadas é o atentado em Nova York, citado por Neto (2002),

O terrorismo vira espetáculo ao criar fatos para mídia. Por exemplo, num dia aparentemente normal, dois ícones no centro de New York são atingidos por aviões domésticos. Algo do tipo era considerado impensável para os norte-americanos devido à sua grande crença que estariam seguros e que o país não estaria vulnerável a tais eventos. Neste atentado conseguiram tirar a autoestima dos seus cidadãos e colocou-se em evidência a vulnerabilidade de sua política externa. (NETO, 2002, p. 66).

Noticiar violência desperta a curiosidade das pessoas, conforme já mencionado anteriormente. Conseqüentemente, chama a atenção do público para essas matérias, ou seja, ao noticiar esses ataques terroristas a mídia tira o indivíduo de seu cotidiano “calmo e tranquilo” durante aquele período de noticiário e o mesmo fica impressionado e interessado, acompanhando o que está sendo transmitido em relação aquele problema naquele momento.

E como todo o avanço já citado, as pessoas ficam mais impressionadas ainda, pois os vídeos transmitidos na maioria das vezes em tempo real e principalmente com a alta qualidade de imagens. Além disso, podem acompanhar todo o andamento da notícia como se estivesse presente no ambiente no qual ocorre todo o problema. Contudo, mesmo sendo uma triste realidade, essas notícias acabam transformando todos esses atos terroristas em um “espetáculo” para o mundo, como se estivessem assistindo um filme nos cinemas.

A maneira que a mídia transmite os acontecimentos, e noticia os fatos influencia de maneira assustadora o imaginário das pessoas, segundo Wainberg (2005),

A mídia é sensível à capacidade que tais atos violentos têm de atingir com vigor os sentidos das pessoas. A atenção dos públicos é um produto escasso, e a violência, ao capturá-la, presta um serviço que vai além do mero despertar da percepção dos diversos segmentos do público é desafiada. (WAINBERG, 2005, p. 11).

A mídia transmite constantemente ao seu público notícias que trazem afirmações e acabam generalizando sobre diversos fatos e atos que transmitem os problemas sociais enfrentados ao redor do mundo. Dentre eles o terrorismo, que em seus ataques fazem inúmeras vítimas inocentes em relação a guerra no qual eles alegam “defender uma causa”.

Os terroristas estão ligados de forma indireta com a mídia, pois os mesmos não pedem para que sejam noticiados, mas ao realizarem seus ataques, a mídia noticia os fatos gerando

publicidade para os terroristas. Por consequência, os efeitos dessa publicidade os favorecem, pois o medo criado com os noticiários que transmitem os ataques acaba despertando a curiosidade das pessoas. A busca por mais informações conseqüentemente gera e garante mais lucro para os meios de comunicação, e se está lucrando, continuam a noticiar e acompanhar os acontecimentos.

Com base em dados manipulados, versões de especialistas e principalmente da imagem consolidada que esses conglomerados já têm, a facilidade de escolher informações a serem veiculadas e produzi-las, a partir de um mesmo fluxo de ideias para se criar um senso comum é mais fácil ainda. E, todos esses conglomerados que produzem e propagam notícias dessa forma, estão à serviço do principal sujeito de poder atual, o capital (CHAUI, 2006, p. 74)

Dentre todos os temas e diversos tipos de notícias que existem no mundo, algumas ganham maior repercussão ao serem noticiadas. Desta maneira, para essas notícias a mídia reserva e garante maior destaque em seu noticiário, como escândalos políticos, guerras, ataques terroristas, tragédias, problemas em massa, etc.

O grande problema das notícias é não analisar e compreender o antes do “ato final”. Não compreender e estudar o porquê chegou aquele ponto. Deste modo, ao acompanhar a notícia, os indivíduos interpretam apenas o fato ocorrido, baseado naquela notícia disseminada, mas é necessário muito mais do que isso. Todo esse histórico do antes do fato, a mídia não traz, pois isso não gera repercussão para a mesma, mas sim apenas a notícia em tempo real. Na maioria dos casos, como em ataques terroristas, até chegar ao fato final, ou seja, no ataque realizado, tem todo um histórico de problemas e conflitos por traz, que na maioria dos casos ninguém notícia e transmite essas informações.

Por trás dos ataques terroristas, por exemplo, existe toda uma discussão que antecede o fato propriamente dito acontecer, ele na verdade acaba sendo conseqüências de todos os episódios que antecedem o fato, como discussões religiosas, políticas, etc. A finalidade dessa explanação sobre o histórico anterior ao ataque, é mostrar como a mídia transmite as notícias e como a sociedade como um todo recebe essa notícia da mídia, no qual os indivíduos não tentam entender qual a verdadeira “explicação” para os atos realizados, ou mesmo tentarem conhecer os verdadeiros motivos para tais acontecimentos existirem.

Para Lima (2017), a mídia influencia no resultado das apresentações das informações para a população:

No primeiro momento de acesso às notícias, a maioria das pessoas está sujeita a receber os conteúdos previamente selecionados pelos jornalistas e somente uma parcela privilegiada da sociedade desfruta do benefício de ter acesso a determinadas

informações, que nem sempre nos são divulgadas, neste caso os jornalistas, donos dos meios de comunicação, empresários e pessoas envolvidas com o poder de certa forma. Os grandes conglomerados da mídia estão concentrados em poucas pessoas e propagam as mesmas informações, a partir dos seus próprios critérios de seleção noticiosos e midiáticos, majoritariamente influenciados por fatores políticos e econômicos. (LIMA, 2017 p. 2.)

Dessa maneira fica claro entender o porquê de muitos grupos escolherem os ataques terroristas como meio de ação para alcançarem seus desejos e objetivos. Com a cobertura da mídia constante e o destaque que a mesma traz para esses assuntos, a chance de conquistarem seus objetivos se torna cada vez mais fácil e precisa, pois as notícias atualmente com toda a tecnologia disponível acontecem em tempo real.

Logo, se todos esses fatos “importantes” não fossem transmitidos ao vivo (em tempo real) não teriam tanta relevância, procura e acompanhamento, os efeitos seriam os mesmos que no passado, no qual eram considerados apenas fatos isolados, e os objetivos não seriam alcançados com tanta frequência, pois não teriam a repercussão que existe hoje devido a todo aparato tecnológico existente. Esse tipo de violência utilizada atualmente, não busca vencer ou eliminar seu “inimigo”, mas sim amedrontá-lo mostrando ao mundo o que são capazes de fazer pelos problemas que “enfrentam” e pela causa que alegam defender.

A mídia exerce um papel de disseminar o pânico sobre os fatos e acontecimentos em que o terrorismo usa seus ataques para transferir suas mensagens aos indivíduos de uma sociedade específica ou ao mundo, mas se a mídia filtrar e estruturar suas informações transmitindo-as de maneira “adequada”, essa mensagem pode ser recebida de maneira mais calma e pacífica pela população.

Ao analisar atos terroristas nos deparamos com diversos aspectos presentes a cada ataque realizado, um deles é a moral do ataque terrorista, mas o que realmente se destaca sempre é estabelecer qual a causa mais “justa”, a de quem ataca? A de quem é atacado? Se começar uma pesquisa sobre esse tema e analisar os dois lados, cada qual defenderá o seu, e na maioria dos casos não quer ao menos ouvir e entender o outro lado desse conflito, e na busca por defender ou “justificar” seu lado o conflito segue a diante e passa como se aquele ataque realizado fosse necessário para conquistar uma sociedade “melhor e mais justa”, como menciona Wainberg (2005),

Alguns fatos podem ser justificados para não serem considerados imorais, como por exemplo, a morte de pessoas na fogueira na Idade Média pela Igreja Católica, onde se dizia que os que estavam sendo mortos na fogueira eram infiéis ou bruxos, que iam contra os princípios da Igreja. Ou o assassinato de tiranos como Hitler e Stálin, que assim talvez teria evitado os terríveis acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. (WAINBERG, 2005, p. 47).

Sendo assim, a maneira que os fatos acontecem e são noticiados, principalmente os ataques terroristas vai muito além do que o fato ocorrido em si, mas existe todo um histórico que antecede esse fato, e também existe todo um objetivo a ser alcançado com tal ato, que pode mudar tanto uma região específica, como toda a estrutura de um país inteiro.

Desta forma, a mídia tem como objetivo principal continuar influenciando a população na sua formação de opinião a respeito dos mais variados temas, buscando conquistar os resultados almejados, ou seja, que suas notícias e informações alcancem o maior número de indivíduos possível, mesmo que seja de forma negativa ou positiva.

CONCLUSÃO

De tudo o que foi exposto, fica claro que o termo “terrorismo”, sendo praticado por grupos ou Estado passou por processo de evolução, e começou a ser utilizado para praticar atos violentos que contestam as propostas políticas de determinados regimes e, ao mesmo tempo, passam a se utilizar dos meios mediáticos para atingir a população geral. Com essa grande exposição, foi possível criar um perfil misto sendo de terror e simpatia e desta forma, a maneira como a mídia passa a informação pode criar intencionalmente uma ideia distorcida dos fatos que pode levar a sérios danos à sociedade.

O terrorismo tornou-se relevante no início do século XXI, por se tornar a principal ameaça para a humanidade em decorrência da imprevisibilidade de suas ações e da invisibilidade do terrorista, de modo que o terrorismo e a luta contra ele é um assunto de extrema importância para as Relações Internacionais.

Os atos terroristas podem ocorrer por ações de grupos clandestinos unidos por um ideal político, afinidades étnicas ou religiosas, por meio de atentados a alvos específicos ou a alvos indiscriminados, que atingem a população civil.

Não podemos esquecer também que muitas vezes o Estado pode aproveitar-se dessa situação para realizar suas intenções políticas e praticar também violência parecida, porém de forma legalizada, situação comum em Estados totalitários ou regimes ditatoriais.

Durante o estudo, pudemos observar uma entre o terrorismo e o fundamentalismo islâmico, pois a interpretação do Corão não é a mesma para todos os muçulmanos. Para os fundamentalistas islâmicos, determinados valores das sociedades ocidentais, como a liberdade de expressão e de religião, são incompatíveis com as leis religiosas e por isso constitui uma ameaça à sociedade muçulmana, justificando assim os diversos atos terroristas no mundo. Após os atentados de 11 de setembro de 2001, houve um crescimento dos grupos islâmicos de orientação fundamentalistas ligados ao terrorismo, que se tornaram uma grande ameaça interna em seus próprios territórios e podendo também atuar em qualquer localidade do mundo. Esses grupos inauguram a era do terrorismo de espetáculo, de grandes dimensões e projeção internacional, que irá alimentar a mídia e aterrorizar a população, pois quanto maior e mais violenta for a ação, mais o terrorismo conta com a cobertura da mídia. Em decorrência de toda essa exposição na mídia houve uma generalização de todos os muçulmanos por parte do Ocidente, criando-se assim o que foi denominado Islamofobia, o que provocou vários

problemas aos seguidores de Islamismo. Contudo, podemos dizer que nem todos os seguidores do Islamismo defendem o radicalismo, ou seja, a visão mais radical do Islã onde a religião está acima de tudo.

Ao final, foi possível observar que o termo terrorismo na verdade se apresenta como instrumento de oposição política podendo ser praticado por qualquer grupo ou até mesmo pelo Estado. Já o seu objetivo dependerá do tipo de cobertura feito pela mídia, de como a população a receberá e reagirá sobre o fato ocorrido e qual a motivação política desse fato. Porém, esse último aspecto muitas vezes não chega ao conhecimento da população civil, pois a mídia na maioria das vezes interpretará determinados acontecimentos sobre um olhar que permitirá a manipulação das pessoas.

Desta forma, a principal ferramenta do terrorismo são os meios de comunicação que expande assim seus efeitos psicológicos, impondo o terror e fazendo com que os cidadãos se sintam abandonados pelo governo, com o sentimento de que os Estados não podem defendê-los, não podem fazer nada em relação a essa ameaça, que não têm controle sobre nada.

Por fim, a mídia exerce um papel de disseminar o pânico sobre os fatos e acontecimentos em que o terrorismo usa seus ataques para transferir suas mensagens aos indivíduos de uma sociedade específica ou ao mundo, mas se a mídia filtrar e estruturar suas informações transmitindo-as de maneira “adequada”, essa mensagem pode ser recebida de maneira mais calma e pacífica pela população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABELLÁN, Lucía. **O sentimento de islamofobia se espalha por toda a Europa.** El País, 8 de janeiro de 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/07/internacional/1420669006_872432.html. Acesso em: 06 de agosto de 2016..

ACNUR, Agência da ONU para Refugiados. **Cinco anos de conflito na Síria.** 15 de mar. 2016. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/cinco-anos-de-conflito-na-siria/>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

ALVES, José Belmiro. **Desafios no Século XXI: Terrorismo Islâmico e Crime Organizado.** 2010, 135 f. Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais - Universidade Fernando Pessoa. Porto: PT, 2010.

ANISTIA INTERNACIONAL. **A crise dos refugiados da Síria em números.** Publicado em: 11 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://anistia.org.br/noticias/crise-dos-refugiados-da-siria-em-numeros/>. Acesso em: 06 de agosto de 2017.

AUGRAS, Monique. **À procura do conceito de opinião pública.** In: Opinião pública: teoria e processo. Petrópolis: Vozes, 1970. Cap. I, p. 11.

BAVA, Silvio Caccia. **Terrorismo de Estado.** Le Monde Diplomatic, São Paulo, p. Ed. 101, 07 dez. 2015. Disponível em: <http://diplomatie.org.br/terrorismo-de-estado/>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

BBC Brasil. **Tribunal europeu mantém proibição de uso de véu na França.** São Paulo, 01 jun. 2014. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140701_veu_franca_ms. Acesso em: 25 de Julho de 2016.

BBC Brasil. **A tática do Estado Islâmico para me recrutar- e como eu resisti.** São Paulo, 24 de agosto de 2015. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150824_ei_tatica_radical_fd. Acesso em 10 de Dezembro de 2017.

BUZAN, Barry. **People, States and Fear: An Agenda for International Security.** 2ª ed. Brighton: Wheatsheaf, 1991.

BUZAN, B. **Will the "Global War on Terrorism" be the New Cold War?** International Affairs, v. 82, n° 6, p. 1101-1118, 2006.

CABRAL, Daniel. **Terrorismo: Fundamentalismo Islâmico.** Sociologia I, Lic. Criminologia, n° 26298, 2012/2013. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiAlM2ZxObXAhUFGpAKHXrUAecQFggoMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.resumos.net%2Fficheiros%2Fensino-superior%2Fcriminologia%2Fismai%2Fsociologia-i%2Fterrorismo.pdf&usg=AOvVaw35Q0hw2gaZZa-LWwjNP9hw>. Acesso em: 25 de Maio de 2016.

CARVALHO, Bruno Sciberras de. Representação e imperialismo em Edward Said. Dossiê: Teoria Política e Social na Contemporaneidade. Mediações, Londrina, v. 15, n° 2, p. 42-60, Jul/Dez. 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewFile/8236/7154>. Acesso em: 20 de Novembro de 2016.

CHAUÍ, Marilena. **A construção do "Oriente" e os fundamentalismos.** In: CLEMESHA, Arlene (org.) **Edward Said: trabalho intelectual e crítica social.** São Paulo: Editora Casa Amarela, p. 39-43, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder.** 1. ed. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006

COCKBURN, Patrick. **A origem do Estado Islâmico: O fracasso da “guerra do terror” e a ascensão Jihadista.** Autonomia Literária, p. 208, 2014.

DAMIN, Cláudio Júnior. Surgimento e trajetória do Estado Islâmico. Boletim Meridiano 47, v. 16, nº 148, mar.-abr. 2015, p. 26-33. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/14863/10964>. Acesso em: 17 de setembro de 2016.

DA VIÁ, Sarah Chucid. **Opinião pública: técnica de formação e problemas de controle.** São Paulo: Loyola, 1983, p. 58.

DELLAGNEZZE, René. **O Estado Islâmico, o Terrorismo, a Violação dos Direitos Humanos e da Soberania dos Estados.** Universidade Federal de Juiz de Fora, p. 62, 2016. Disponível em: <http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/EITV.pdf>. Acesso em: 15 de setembro de 2016.

DE ORTE, Paola. **A Mídia como arma de guerra e a batalha no campo ideacional: o conflito entre Árabes e Israelenses.** Universidade de Brasília, p. 27, 2017. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22328/1/2016_PaolaDeOrte.pdf. Acesso em 27 de Dezembro de 2017.

DE ORTE, Paola. **A Mídia como arma de guerra e a batalha no campo ideacional: o conflito entre Árabes e Israelenses.** Universidade de Brasília, p. 38, 2017. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22328/1/2016_PaolaDeOrte.pdf. Acesso em 27 de Dezembro de 2017.

DEUTSCHE Welle. **Mídia árabe condena atentado em Paris.** 09 de Jan. 2015. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/m%C3%ADdia-%C3%A1rabe-condena-atentado-em-paris/a-18181652> . Acesso em: 17 de dezembro de 2017.

DEUTSCHE Welle. **Zeitgeist: Por que usar Daesh em vez de Estado Islâmico?** 17 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/zeitgeist-por-que-usar-daesh-em->

[vez-de-estado-islamico,b40b322d65077011fd6ae3fdcac289930nuxjik2.html](http://www.observatorio-europeu.com/vez-de-estado-islamico,b40b322d65077011fd6ae3fdcac289930nuxjik2.html). Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

DORNELES, Carlos. **Deus é inocente, a imprensa, não**. 3ª ed. Editora Globo. 2003.

EKMEKCI, Faruk. **Terrorismo como guerra por outros meios: segurança nacional e apoio estatal ao terrorismo**. Revista brasileira de política, v. 54, nº 1, p. 125-141, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0034-73292011000100008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 08 de agosto de 2017.

EUMC, Observatório Europeu do Racismo e Xenofobia. **Os muçulmanos na União Europeia: discriminação e islamofobia**. p. 1-6, 2004. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiSt5rHs-bXAhVHF5AKHXX-B14QFggoMAA&url=https%3A%2F%2Ffra.europa.eu%2Fsites%2Fdefault%2Ffiles%2Ffra_uploads%2F1936-EUMC-highlights-PT.pdf&usq=AOvVaw2wEZfMRFHx1DHwyy1Ri9ml. Acesso em: 10 de junho de 2016.

G1. **Estado Islâmico desenvolve rede social própria, diz Europol**. 03 de Maio de 2017. Acesso disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/estado-islamico-desenvolve-rede-social-propria-diz-europol.ghtml> . Acesso em: 15 de dezembro 2017

GALITO, Maria Sousa. **Terrorismo Conceptualização do Fenómeno**. Lisboa: PT, 2013. Disponível em: https://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Doc_trabalho/WP117.pdf. Acesso em: 16 agosto. 2017.

GIANNINI, Fernanda Camargo. **O orientalismo de Edward Said**. Youtube, 23 jul. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W5R2uOoj9K8>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

GUZZINI, Stefano; JUNG, Dietrich (Org.). **Contemporary Security Analysis and Copenhagen Peace Research**. Londres: Routledge, 2004, p. 3.

HOLLOWAY, Lester. Islamophobia – 20 years on, still a challenge for us all. 13 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.runnymedetrust.org/blog/islamophobia-20-years-on-still-a-challenge-for-us-all>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

HUNTINGTON, Samuel. **O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. Disponível em: <http://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2102/1583>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.

JERÓNIMO, Patrícia. **Intolerância religiosa e minorias islâmicas na Europa: A censura do “Islão visível” – os minaretes e o véu - e a jurisprudência conveniente do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem**. 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/209424816/JERONIMO-P-Intolerancia-religiosa-e-minorias-islamicas-na-Europa>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

LAURIA, Bianca Vince; SILVA, Henrique Roder; RIBEIRO, Poliana Garcia. **O Estado Islâmico**. Série Conflitos Internacionais, v. 2, nº 2, Marília, abr. 2015. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/v-2-n-2-o-estado-islamico.pdf>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

LESSA, Antônio Carlos; MEIRA, Frederico Arana. **O Brasil e os atentados de 11 de setembro de 2001**. Revista brasileira de política internacional, v. 44, nº 2, Brasília, July/Dec. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292001000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

LIMA, Marcos Costa. **O humanismo crítico de Edward W. Said**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, nº 73, São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452008000100004. Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

LÓPEZ, Fernando Bravo. **¿Qué es la islamofobia?** Documentação Social 159, p. 189-207, 2010. Disponível em: http://www.academia.edu/2098934/Qu%C3%A9_es_la_islamofobia. Acesso em: 25 de Julho de 2016.

MARRANCI, Gabriele. **MULTICULTURALISM, ISLAM AND THE CLASH OF CIVILISATIONS THEORY: RETHINKING ISLAMOPHOBIA**. Scothand, Culture and Religion, v. 5, n° 1, p. 105-117, 2004.

MERAR, Ariel. **Driven to Death, Psychological and social aspects of suicide Terrorism**. Acesso em 30 de março de 2016. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=IMTu5gwWE0kC&oi=fnd&pg=PR9&dq=Driven+to+Death:+Psychological+and+Social+Aspects+of+Suicide+Terrorism%E2%80%9D+de+Ariel+Merari.&ots=Gyi8LOIX6g&sig=k48fiyvLnA4d6TJrRvVEmgG4Ps8#v=onepage&q=Driven%20to%20Death%3A%20Psychological%20and%20Social%20Aspects%20of%20Suicide%20Terrorism%E2%80%9D%20de%20Ariel%20Merari.&f=false>

MORENO, Marta. **Terrorismo**: Em busca de uma definição universal. In: BRIGAGÃO, Clóvis; JÚNIOR, Domício Proença., **Paz e terrorismo**: textos do Seminário Desafios para a política de segurança internacional, 2004.

MOREIRA, Deodoro José. **Mídia, fundamentalismo e terror- A lógica da barbárie**, p 205, 2017.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Cinco anos de conflito na Síria**: crise de refugiados e deslocados clama por solidariedade. Publicado em: 15 de março de 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/cinco-anos-de-conflito-na-siria-crise-de-refugiados-e-deslocados-clama-por-solidariedade>. Acesso em: 06 de agosto de 2017.

NACOS, Brigitte L. **Mass Mediated Terrorism: The central role of media in terrorismo and counterterrorism**. Rowman & Littlefiled Publishers, 2ª ed. 2007.

NETO, Francisco Paulo de Melo. **Marketing do Terror**. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Manfredo. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PEREIRA, Thaís da Costa. **A Relação entre Mídia e Terrorismo**. UNICEUB, 2006.

PILATI, Anselmo; PIRES, Ariel José. **O Conflito Palestino-Israelense e o Oriente Médio**. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/710-4.pdf>. Acesso em: 06 de agosto de 2017.

PIERRE, Héctor Luis Saint. **11 de Setembro: do terror à injustificada arbitrariedade e o terrorismo de Estado**. Revista de sociologia e política, v. 23, nº 53, Curitiba, Mar. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782015000100009. Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

PINTO, Maria do Céu Ferreira. **O Fundamentalismo Islâmico**. p. 1-20, 1996. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1567/1/NeD79_MariadoCeuFerreiraPinto.pdf. Acesso em: 26 de fevereiro de 2016.

PROCÓPIO, Argemiro. **Terrorismo e relações internacionais**. Revista brasileira de política internacional, v. 44, nº 2, Brasília, July/Dec. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292001000200004. Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

REZENDE, Lucas Pereira; SCHWETHER, Natália Diniz. **Terrorismo: a Contínua Busca por uma Denifção**. Revista brasileira de estudos de defesa, v. 2, nº 1, Brasília, jan./jun. p. 87-105, 2015. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjh7I-Tw-bXAhXDjJAKHZ--DFQQFggoMAA&url=https%3A%2F%2Frbed.emnuvens.com.br%2Frbed%2Farticle%2Fdownload%2F58349%2F35236&usg=AOvVaw0cjBzNY2-URZEPfuAZTfz1>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

RUNNYMEDE, Intelligence for a multi-ethnic Britain. **Islamophobia: A Challenge for Us All**. Disponível em: <https://www.runnymedetrust.org/companies/17/74/Islamophobia-A-Challenge-for-Us-All.html>. Acesso em: 25/07/2016

SELIS, Lara; GALLO, Rafael; MASO, Tchella. **O terrorismo como agenda das Relações Internacionais: Novos debates, velhas problemáticas.** Meridiano 47, v. 12, nº 127, p. 50-57, 2011.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**”. Editora Schwarcz Ltda. Tradução: Tomás Rosa Bueno. 1978.

SANTOS, Maria Helena de Castro; TEIXEIRA, Ulysses Tavares. **O papel essencial da democracia na Doutrina Bush: as invasões do Iraque e do Afeganistão.** Revista brasileira de política, v.56, nº 2, p. 131-156, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0034-73292013000200008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 08 de agosto de 2017.

SMAILI, Soraya S. **Migrantes, pós-colonialismo e fundamentalismo: enlces entre Oriente e Ocidente e a questão do Islã.** Psicologia USP. São Paulo, v. 26, nº 2, p. 145-151, 2015.

SUAREZ, Marcia A. Garcia. **Terrorismo e política internacional: uma aproximação à América do Sul***. Contexto internacional, v. 34, nº 2, Rio de Janeiro, Dec. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292012000200001&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

SUAREZ, Marcia A. Garcia. **“Terrorismos”:** Uma Contextualização do Fenômeno Político”. Contexto internacional, v. 4, nº 2, Rio de Janeiro, Dec. 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/8127896/_TERRORISMOS_UMA_CONTEXTUALIZA%C3%87%C3%83O_DO_FEN%C3%94MENO_POL%C3%8DTICO?auto=download Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

TANNO, Grace. **A Contribuição da Escola de Copenhague aos Estudos de Segurança Internacional.** Rio de Janeiro: RJ, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cint/v25n1/v25n1a02.pdf>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

TERRA NOTÍCIAS. **Zeitgeist: Por que usar Daesh em vez de Estado Islâmico?** 17 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/zeitgeist-por-que-usar->

daesh-em-vez-de-estado-islamico,b40b322d65077011fd6ae3fdcac289930nuxjik2.html.

Acesso em: 17 de agosto de 2017.

WAINBERG. Jacques A. **Mídia e Terror: comunicação e violência política**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 11.

WAINBERG. Jacques A. **Mídia e Terror: comunicação e violência política**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 47.

WALTZ, Kenneth N. **Theory of International Politics**. Addison-Wesley Publishing Company, Inc, 1979.

WALTZ, Kenneth N. **Teoria das Relações Internacionais**. Traduzido por Maria Luisa Felgueiras Gayo. 2010. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/5720621/waltz--teoria-das-relacoes-internacionais>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.